

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica

# SOMNIUM

Nº 104 - Outubro de 2012

ANA LÚCIA MEREGE  
MIGUEL CARQUEIJA  
RICARDO GUILHERME DOS SANTOS  
ZÉ WELLINGTON



AND THE **ARGOS** GOES TO...

CONHEÇA OS VENCEDORES





# SOMNIUM

## EDITORIAL

O tempo é, sem dúvida, um dos maiores mistérios do Universo. Segue seu curso de modo inexorável, sem se preocupar com as marcas que vai deixando pelo caminho. Filósofos, cientistas e curiosos vêm tentando, desde o início da civilização, entender sua origem, seu significado, seu propósito.

Bem, o fato é que indiscutivelmente o tempo passa. E como passa! O ano de 2012 já está chegando ao fim. E, com o fim do ano, aproxima-se também a data que os maias reservaram para o fim do mundo.

A grande verdade é que ninguém sabe o que o futuro nos reserva. Pode ser que o mundo acabe hoje, semana que vem, ou até mesmo em dezembro, exatamente como previram os maias. Ou também pode ser que nunca acabe. Por via das dúvidas, a edição 104 do Somnium dedicou um espaço especial a esse tema.

Inicialmente, apresentamos o conto Deixando o Conado, de Ana Lúcia Merege, que mostra um possível recomeço, cheio de desafios e dificuldades, para um mundo destruído por uma catástrofe. Este texto foi publicado na



antologia 2013: Ano Um (2012, Editoras Ornitorrinco e Literata). Sua reprodução no Somnium é uma cortesia das editoras e da própria autora.

Em seguida, temos Esperança, do paulistano Ricardo Guilherme dos Santos. Esta é mais uma história que brinca com a ideia de fim do mundo, e mais importante ainda, sobre como podemos esperar por um mundo melhor.

O músico e roteirista de quadrinhos Zé Wellington nos traz seu conto Recomeço, uma história curta, mas cheia de idas e vindas, apresentando diversos cenários ao mesmo tempo.

Mas como o primeiro trabalho apresentado nesta edição tem em seu título um referência clara ao universo fantástico de Tolkien, resolvemos não deixar os fãs de fantasia na mão. O veterano Miguel Carqueija, um dos nossos mais competentes autores, traz um conto de fantasia muito bem humorado. Diálogo com o Dragão não fala nada sobre fim do mundo, mas traz orcs, anões e dragões, tudo que um fã de fantasia adora. Além de ser uma leitura agradável, apresenta uma leve crítica social.

Por fim, o Somnium faz uma menção especial à entrega do Prêmio Argos 2012. A cerimônia foi no Fantasticon, o tradicional evento de literatura fantástica que agitou o fandom em setembro. A cerimônia foi um sucesso e o CLFC tem muito orgulho em apresentar os escritores Gerson Lodi-Ribeiro (melhor romance) e Flávio Medeiros Jr. (melhor história curta) como os grandes vencedores do Argos 2012.

Boa leitura!

*Daniel Borba*

Editor



Somnium – Edição 104, setembro de 2012

Editor responsável: Daniel Borba

Capa e diagramação: Marcelo Bighetti

Ilustração “astronauta”: Sid Castro

Colaboradores: Ana Lúcia Merege

Ricardo Guilherme dos Santos

Zé Wellington

Miguel Carqueija

CLFC gestão 2011-2013

Presidente: Clinton Davisson Fialho – sócio n. 546 (Macaé- RJ)

Secretário-Executivo: Osame Kinouche Filho – sócio n. 186 (Ribeirão Preto -SP)

Tesoureiro: Daniel Fusco Borba – sócio n. 547 (São Paulo – SP)

Webmaster: Fábio San Juan – sócio n. 465 (Piracicaba – SP)

Contatos: [contato@clfc.com.br](mailto:contato@clfc.com.br)

[www.clfc.com.br/somnium](http://www.clfc.com.br/somnium)

# ÍNDICE

## CONTOS

- 8 DEIXANDO O CONDADO, por Ana Lúcia Meregê
- 24 ESPERANÇA, por Ricardo Guilherme dos Santos
- 44 RECOMEÇO, por Zé Wellington
- 49 DIÁLOGO COM UM DRAGÃO, por Miguel Carqueija

## ARTIGOS

- 56 AND THE ARGOS GOES TO...
- 60 ENTREVISTA COM FLÁVIO MEDEIROS JR. E  
GERSON LODI-RIBEIRO
- 66 BIOGRAFIAS



# Deixando o Condado

ANA LÚCIA MEREGE



# DEIXANDO O CONDADO

*Ana Lúcia Merege*

*D*urante a festa, Laura lhe informou que ia partir. Estavam comemorando o fim do primeiro ano após a catástrofe — um ano que tinham passado vivos, quando a maior parte da Humanidade já não estava. Isso fornecia razões para ficarem ao mesmo tempo alegres e deprimidos. O próprio Mauricio estava triste, embora sorrisse diante das pessoas que o cercavam em busca de conforto.

Sempre áspera, Ramona afirmou que não havia o que lamentar, que o mundo inteiro conhecia a profecia e que, se a maioria preferira uma morte estúpida, a culpa não era dos que tinham sido espertos. Mesmo que alguns estivessem ali por sorte, concluiu, olhando para Octavio. Ele pensou em retrucar, mas resolveu não dar à mulher o prazer de um bate-boca. Foi então que Laura o puxou para um canto e lhe comunicou sua decisão.

— Vou depois de amanhã — acrescentou. — Ainda não falei com ninguém a não ser Mauricio. O que me diz?

Fitou-o, os olhos límpidos à espera de resposta. Octavio hesitou, procurando uma que não chegasse a comprometê-lo. Nesse momento, a luz piscou, e todo o Bunker n. 1 foi envolvido por um ruído baixo e soturno.

— Tudo bem, pessoal. É o gerador — anunciou Juan Felipe, o principal responsável pela energia. — Me ajuda, Octavio?

— Pode ir — disse Laura. — Mais tarde a gente conversa.

— Tudo aqui está precário — grunhiu Ramona. Mais uma vez, Octavio preferiu não responder, embora não pudesse se furtar a um pensamento incômodo.

Sim, as coisas começavam a ficar precárias, em vários sentidos, no assentamento. Mas as chances eram de mil para um de estarem piores lá fora.

Se lhe dissessem, há um ano, que se tornaria um sobrevivente num bunker, a reação de Octavio seria uma risada. Não que fosse inteiramente cético, interessava-se por I Ching e filosofia oriental, mas daí a acreditar numa suposta profecia maia era um salto grande demais, até para um físico quântico. Ainda assim, quando os pais de Mauricio o procuraram, não achou, como eles, que seu amigo de infância houvesse perdido o juízo, mas apenas se deixado influenciar pelas bobagens que a mídia espalhara nos últimos anos. Mauricio sempre fora crédulo, o que não o impedira de se formar em medicina e ser bem sucedido. Ganhara um bom dinheiro com a clínica de terapias alternativas. Na verdade, fora lá que conseguira as primeiras adesões ao seu projeto, iniciado com a compra de um terreno na serra de Granada. Isso em 2009 — alguns meses depois de ele e Octavio terem se visto pela última vez.

— Mesmo assim, o Mauricio te considera muito — disse a Senhora Irruti, com os olhos úmidos. — Talvez você possa fazê-lo voltar à razão. Ele precisa mandar aquela gente para casa e voltar para Bilbao.

— Pode deixar. Eu faço uma visita — disse Octavio. — Não prometo nada, mas direi ao Mauricio que ele está se iludindo. E que vai bancar o bobo quando passar a tal data e o mundo continuar como está.

Os Irrutis sorriram, mais tranquilos ao saber que o tinham como aliado. Antes de sair, combinaram que Octavio não mencionaria o encontro; que fingiria ter viajado por conta própria e só diria a Mauricio aquilo que realmente pensasse. O que acabou por ser diferente do que planejava, tão logo viu a dimensão que as coisas tinham tomado.

— Que diabo é isso? Parecem tocas de hobbit! — exclamou,



seu estômago se contraindo à visão dos bunkers escavados na encosta da serra.

— Parecem, não é? Bem-vindo ao Condado — replicou Mauricio. A brincadeira fez Octavio rir, afastando a sensação que, nesse momento, lhe pareceu inexplicável.

Mas só nesse momento. Porque, por mais absurdas que parecessem, as profecias estavam certas. E nada poderia amenizar a angústia que viria com os novos tempos.

O concerto do gerador demorou mais que o previsto. As pessoas ficaram ali por algum tempo, depois saíram, jogando as latas vazias no coletor. Laura foi embora sem se despedir. No fim, só restava a mulher de Juan Felipe, e por um instante Octavio sentiu inveja dessa fidelidade.

Lá fora, o frio era intenso, a escuridão cortada por súbitos clarões. Há cerca de três meses, depois de conferir minuciosamente o histórico dos medidores de radiação, eles tinham começado a se aventurar no exterior dos bunkers, e a qualquer hora do dia ou da noite o céu parecia ameaçador. As chuvas tinham diminuído, mas as nuvens continuavam carregadas de eletricidade. Céus furiosos, como Laura dissera uma vez. Se partisse, ela ficaria à mercê daquela fúria.

O Bunker n. 3 era dividido em duas metades. Em uma estocavam suprimentos, a outra abrigava seis beliches separados por cortinas. Laura ocupava a cama de baixo do último, mas não dormia. Estava encolhida contra a parede, e Octavio se esgueirou para junto dela sabendo que não teria como adiar a conversa.

— Você demorou — sussurrou ela. — Pensou no que eu disse?

— Preciso de mais detalhes. Por que você quer ir embora?

— Não é bem ir embora. É só para ver como ficou tudo lá embaixo. Dependendo do que eu encontrar...

— Eu sei o que vai encontrar — cortou Octavio. — Para começar, a água não deve ter se escoado nos lugares mais baixos, de modo que você provavelmente não vai descer toda a serra. Supondo que consiga, vai chegar ao povoado, e lá se ver em meio àquele cenário que já conhecemos. Sem luz, sem comunicações, sem abastecimento...

— E sem radiação — lembrou Laura. — Era nosso maior medo, mas parece que não houve vazamento nuclear. Isso torna as coisas mais seguras lá fora.

— Seguras? E os raios? — Octavio se controlou para não erguer a voz. — E as tempestades, e... e as *pessoas*? Deve haver sobreviventes. Pode imaginar como estão?

— Eu poderia tentar ajudá-los — murmurou Laura.

— Não dá. Muito menos agora. É perigoso demais. — Fez uma pausa, assimilando a dor das lembranças. — Mesmo no início, concordamos em não ajudar quem estava do lado de fora. E nem precisaríamos ter saído para isso.

Laura se encolheu junto a seu ombro, sem nada dizer. Era evidente que também não esquecera. Naqueles primeiros dias, os periscópios mostravam pessoas se aproximando sob a chuva, pessoas cujos rostos mal distinguiam, mas cujas vozes se ouviam no interior dos bunkers. Golpeando as portas, suplicavam por abrigo, às vezes durante dias antes de compreender que não teriam ajuda. A maioria voltava a se arrastar pelo mesmo caminho, mas alguns tinham ficado ali mesmo, mortos pela fome e o cansaço ou atingidos por raios. O último viera um mês após a catástrofe. Praguejara como um louco antes de se encolher e morrer junto à porta blindada. Dias depois, a chuva levara o corpo, e foi por essa época que Laura e Octavio se tornaram um casal. Ela trabalhava como acupunturista na clínica de Mauricio e usava saias indianas, o tipo de garota por quem Octavio jamais se sentira atraído. Mas isso fora em outra vida.

— Ainda assim, quero ir — disse Laura, após alguns momentos. — Logo não teremos escolha: nossos mantimentos estão



chegando ao fim.

Sombrio, ele assentiu. No mês anterior, Marta, que cuidava do estoque de alimentos, sugerira que instituíssem o sistema de rações. Várias pessoas tinham concordado, mas não todas, e Mauricio se negara a impor o que quer que fosse. Para ele, cada um era responsável por seus próprios atos.

— Imagino que Mauricio não tenha se oposto à sua ideia — murmurou Octavio, reprimindo uma pontada de ciúme. — O que ele disse?

— Ele concorda. Temos que ver o que sobrou do mundo. — Ergueu-se num cotovelo, olhando nos olhos de Octavio. — Sabe, algumas pessoas estão criando tensão. Estão pressionando Mauricio. Se você ficar, podia dar uma força, tentar apoiá-lo de algum jeito antes que a situação se complique.

— Vou fazer isso. Se eu ficar. — Ele evitava fechar qualquer possibilidade. — Mas, sinceramente, não vejo como as coisas poderiam ser piores aqui do que lá embaixo.

— Serão — garantiu Laura. — É só esperar.

Em seus anos de universidade, Octavio cursara uma eletiva na qual se discutiam temas como o acaso e as coincidências. Desde então acreditava na existência da sincronicidade. Ela explicava que ele houvesse pensado em Mauricio no dia em que os Irrutis o procuraram - o que, aliás, aconteceu durante suas férias, permitindo-lhe empreender a viagem. Tudo estava conectado, e isso o levava a crer que a conversa com Laura também estivesse ligada a outros eventos.

Assim, quando saiu na manhã seguinte em busca de Mauricio, Octavio não se surpreendeu ao encontrá-lo em meio a uma discussão. A antagonista era Ramona, o que também seria de se esperar, mas dessa vez havia um grupo a apoiá-la enquanto ela esbravejava, gesticulando na direção de Andrés e Santiago. Estes se mantinham calados, deixando-se defender por Mauricio, mas

seu silêncio era ríspido, cheio de vergonha e, sobretudo, raiva. Raiva por não serem doutores e professores, apenas operários que tinham trabalhado nos bunkers, preparando-os para a catástrofe na qual, por fim, passaram a acreditar. Mauricio fora generoso. Permitira que se acomodassem com suas famílias no Bunker n. 9, deixando claro que, para ele, tinham tanto valor quanto qualquer um naquele assentamento. Mas Ramona parecia vê-los como uma espécie diferente da sua.

— Esses caras estão abusando — afirmava. — É a segunda vez, esta semana, que pegam mantimentos.

— Eles sabem do que precisam, Ramona — disse Mauricio. — Eles têm crianças lá.

— E daí? Com ou sem crianças, os estoques estão baixando! — contrapôs a mulher. Era magra e musculosa, uma ex-professora de aeróbica que se podia imaginar intimidando pessoas gordas e tímidas em aparelhos de ginástica. Algumas acabariam por abandoná-la, mas outras se tornariam suas seguidoras fiéis. Havia quem fosse assim.

— Acho que isso é um alerta pro que está acontecendo — opinou um dos amigos dela, um moreno que todos tratavam por Sánchez. — A Marta já avisou, a comida vai acabar antes do que esperávamos.

— E as sementes? — perguntou alguém. — Não tinham começado a plantar?

— A horta não vingou — explicou Marta, para a consternação dos que ainda não sabiam. — É qualquer coisa com o solo. Estamos tentando resolver, mas não dá pra contar com isso por enquanto.

— Viram? Mais uma razão para controlar o que ainda temos — insistiu Sánchez.

— Podemos fazer uma votação — sugeriu Juan Felipe. — Quem vota por racionar?

— Qual é! — explodiu Ramona, quando algumas mãos já



se levantavam. — É questão de bom senso! Temos que racionar ou vamos passar fome! E tem mais — acrescentou, olhando para Mauricio. — Na nossa situação, não dá pra ser bonzinho. Ou você se decide ou...

— Ou *o quê*, Ramona? — cortou Mauricio, num tom que não era o seu. — Ou você toma o poder, é isso? Decreta um toque de recolher, o uso de uniforme?

— Que uniforme! Acorda, cara, isso é sobrevivência! Não dá pra deixar esses dois pegarem o que lhes dá na telha!

— Só nós dois? — Santiago ergueu a cabeça, o fogo nos olhos.

— Claro que não. — replicou Mauricio. — Isso seria para todos.

— O que ela quis dizer — intrometeu-se Juan Felipe — é que vocês deviam ser os primeiros a se conscientizar. Afinal, o que seria para quarenta está sendo dividido por quarenta e oito.

- Quarenta e nove — disse Ramona, em alto e bom som.

O mundo congelou enquanto todos se voltavam para Octavio. Ele sentiu o sangue esquentar, não só pelo que acabava de ouvir, mas pelo que viria. Com a comida acabando, aquilo seria cada vez mais comum. Talvez fosse melhor não ficar para ver.

No entanto, a única alternativa...

— OK, pessoal. É verdade — disse Laura, antes que ele pudesse decidir. — O Octavio veio de visita, sem trazer contribuição, e acabou ficando. Mas desde o início ele ajudou consertando geradores, filtros de partículas, enfim, se tornou mais útil que a maioria. E isso me inclui, por isso resolvi aliviar o peso por aqui: amanhã eu vou descer e ver como anda o mundo lá embaixo. Está decidido — acrescentou, em meio às exclamações que já partiam de todos os lados. A maioria era de espanto, mas alguns tentaram desencorajá-la, ao que Laura respondeu com um alçar de ombros.

— Haja o que houver, vou descer. Alguém quer ir comigo?

— perguntou.

Na mesma hora surgiram duas adesões: Leonardo, um arquiteto, e o operário mais novo, Santiago. Mauricio encarou Octavio, que engoliu em seco, sem nada dizer. Então, para surpresa de todos, Sánchez deu um passo à frente.

— Você teve uma boa idéia. Eu também vou — ofereceu-se, mas o que disse a seguir mudou o rumo das coisas. — Com armas e um blindado, vai dar pra pegar tudo o que tiver sobrado lá embaixo.

— Não vejo a hora de me mandar — desabafou Leonardo. Estavam no que se convencionara chamar de “garagem”: o grande bloco de concreto onde, um ano antes, haviam deixado seus veículos. Dois estavam sendo preparados para sair, o jipe de Laura e a caminhonete de Santiago. Sánchez partira uma hora antes no seu blindado. Ele o abarrotara de combustível e armas, as quais — Octavio se inquietou quando soube — não era o único a possuir. Ao contrário, quase todos tinham trazido uma, pensando num momento como aquele, quando talvez se vissem obrigados a enfrentar o que restara de civilização. Invadidos ou invasores.

— Não sei como o Diego e a Monica resolveram descer com o Sánchez. E o que vão fazer com aquele arsenal? No mínimo, saquear o povoado, como as gangues do Mad Max — resmungou Rogelio, um professor que se oferecera para fazer parte da expedição. À medida em que discutiam, debatendo a necessidade de levar mais de uma arma e como agiriam se encontrassem alguém, tanto Laura quanto Sánchez tinham conquistado seguidores, e Octavio se sentiu aliviado quando decidiram que cada grupo seguiria seu caminho. Mesmo assim, a coisa lhe cheirava mal, pois Sánchez encontrara um pretexto para pegar em armas, ao passo que Ramona ficaria e atiçaria os ânimos cada vez mais. Era, de novo, a sincronicidade.

E ela lhe avisava para que tomasse cuidado.



Octavio foi até a entrada da garagem e olhou para fora. Lá estava Mauricio com o braço em torno de Pilar, uma mulher de meia-idade que se alojava no mesmo bunker de Laura e Octavio. Eles a tinham ouvido chorar muitas vezes nos primeiros tempos. Tentaram confortá-la, mas sem sucesso. Só Mauricio sabia as palavras certas.

— Vamos sair logo — disse Laura. — Tem certeza de que não vem?

— Não sei. — Octavio olhou para Pilar, que se afastava após o desabafo. Mauricio se voltou para ele e acenou, um gesto que por alguma razão funcionou como um chamado. Ele prometera mesmo que lhe daria uma força.

— Ei, cara — disse, aproximando-se do amigo, que sorriu, atenuando as marcas da apreensão em seu rosto. — Quer um conselho? Raspe a barba. Vai parecer mais novo. E perder esse ar de Jesus Cristo.

— Verdade. Tem gente aí esperando que eu faça milagre. — Dessa vez, o riso foi amargo. — Queria que entendessem que eu não sou santo, não sou profeta, sou só um cara que acreditou na sabedoria de um povo antigo. Como vai ser daqui pra frente, não faço ideia. Foi por isso que apoiei a iniciativa da Laura. Com os problemas que temos, tanto melhor se alguns de nós pudermos partir de vez.

— Inclusive você?

— Talvez um dia — respondeu Mauricio. Meu sonho era uma comunidade sem leis, exceto a da boa convivência. Não deu certo — não com essas pessoas — mas bem ou mal ainda consigo impedir que elas dêem ordens a torto e a direito. Além do mais, não sabemos o que tem lá embaixo, então... se os viajantes precisarem correr de volta pro Condado, preciso garantir que ele ainda exista, não é?

Mais uma vez, a alusão aos tempos antigos fez Octavio sorrir. *Velho e bom Mauricio*, pensou. Nem líder nem profeta, isso

era certo. Mas um grande cara.

Um ruído proveniente da garagem atraiu sua atenção. Laura vinha saindo com o jipe, tendo a seu lado Santiago, que segurava um rifle sobre os joelhos. O veículo parou a dois metros de Octavio, e este pôde ler a indagação nos olhos da moça.

— Estão indo? — perguntou Mauricio. — Por que o Santi veio com você?

— Ele quer dar um último abraço no pessoal — disse Laura. — A caminhonete não pode parar perto do n. 9, então o Rogelio e o Leo vão descer com ela.

— Tudo bem. Vocês me dão uma carona? Também quero falar com o pessoal do n. 9. — Fez uma pausa, analisando a expressão do amigo. — O Octavio pode ir com a gente. É bom que mais alguém saiba, alguém que eu tenha certeza de que vai ficar do meu lado. Do nosso lado, Santi.

Pôs a mão no ombro do rapaz, que se mexera no banco, apertando o rifle. Octavio também se sentiu pouco à vontade. O que Mauricio deixara de lhe contar?

O jipe sacolejou pela trilha pedregosa. Laura dirigia com as costas eretas, sem se voltar ou falar com Octavio. Santiago parecia cada vez mais nervoso. Mal haviam parado, ele correu até o Bunker n. 9, gritando, de forma que o ouvissem do outro lado da porta blindada.

— Tudo bem, é o Santi!

— Por que ele está desse jeito? — perguntou Octavio.

— Fique olhando — disse Mauricio. A porta se abriu para acolher Santiago, permitindo-lhes ver o interior do bunker e os vultos lá dentro.

Eram pelo menos vinte pessoas.

— O que é isso? Uma festa? — Octavio se contraiu, a resposta se afigurando clara diante de seus olhos. — Eles estão escondendo mais gente, é isso?



— Vinte e quatro pessoas — disse Mauricio, em tom calmo.

— São gente do povoado — disse Laura. — Não os acolhemos porque, para nós, eram estranhos. Mas Andrés e Santiago os conheciam.

— Entendo. — Octavio tentava se refazer do choque. — E ninguém soube disso por nove meses.

— Não. Tentaram me avisar, mas o rádio e os comunicadores já estavam mudos — respondeu Mauricio. — Eles tiveram que se virar com os suprimentos calculados para oito. Felizmente eram para um ano. Logo que puderam, Andrés e Santiago me contaram tudo, e o que eu ia fazer? Expulsar essas pessoas? Deixar que passassem fome?

— Isso não, é claro. Mas você devia ter contado aos outros.

— Talvez, mas muitos não iriam reagir bem, por isso só contei a Laura. Foi aí que ela teve a ideia de descer a serra.

— Ela não me disse nada — murmurou Octavio, ressentido.

— Fui eu que pedi para... — começou Mauricio, mas antes que prosseguisse Laura se voltou com um gesto brusco.

— Não me acuse de não partilhar! Você não é bom companheiro — disse, encarando Octavio. — Vai me deixar descer com dois estranhos enquanto fica aqui!

— Como assim? Você não me consultou sobre nada! — exclamou ele, no mesmo tom. — Comunicou sua decisão e pronto. Você não precisava de mim.

— Eu sempre... — ia dizendo Laura, mas parou quando ouviu a porta se abrir. De dentro saíram Santiago e um homem desconhecido, de cabelos grisalhos e pômulos salientes.

— Padre García quer falar com o senhor — disse Santiago.

— Como vai, padre? — Mauricio estendeu a mão, apresentou Octavio, que pôde apenas retribuir o cumprimento. Estava confuso, abalado com as palavras de Laura e a própria situação,

que não teria como se sustentar por muito tempo mais. O padre era da mesma opinião. Ao saber da presença de Mauricio, quisera vê-lo, insistir para que revelassem sua presença a todo o assentamento. Mas, como de outras vezes, Mauricio negou com veemência.

— Não é seguro, padre. Ainda não. Quando tivermos notícias do mundo lá fora, aí sim, pensaremos em como dizer aos outros. No momento, isso só iria criar problemas.

— Compreendo. Bom, se é assim, só me resta desejar boa sorte — disse o padre, abraçando Santiago. — Vá com Deus e fique tranqüilo, sua mãe e irmãs estão protegidas. A senhorita também, vá com Deus — acrescentou para Laura. Santiago pegou o rifle que deixara no banco enquanto o padre se preparava para retornar ao bunker. Foi nesse momento que uma voz aguda se fez ouvir.

— Vocês aí! Quem é esse cara?

Como uma só pessoa, os quatro se voltaram na direção da trilha. Ramona estava ali, as mãos na cintura, lançando-lhes um olhar em parte surpreso, em parte ultrajado. Mauricio se adiantou, pensando talvez numa desculpa, mas, antes que falasse, o próprio intruso decidiu se apresentar.

— Muito gosto, senhora. Sou o padre Manuel García, da Igreja dos Santos Mártires — disse, tentando sorrir.

— O padre do povoado? Quando chegou aqui? — Ramona se aproximou, com os olhos apertados. — Como estão as coisas lá embaixo?

— Não sei, eu...

— Como pode ter vindo de lá e estar tão limpo, tão... tão *inteiro*? — inquiriu a mulher. Octavio fechou os olhos: a única farsa possível fora desmascarada. Mauricio tentou falar, salvar o que ainda podia ser salvo, mas foi inútil. Ramona já se pusera fora de alcance.

— Agora sei o que se passa. — Os olhos faiscando, o dedo



em riste. — Aquele monte de comida que pegaram. Era pra esse padre. E não pode ter sido só pra um. Aquela droga de aldeia deve estar toda aí, comendo às nossas custas!

— Eles são sobreviventes — alegou Mauricio. — Com o mundo desabando, só puderam...

— Às *nossas custas!* — repetiu a mulher, fora de si. Uma mancha passou pelo canto dos olhos de Octavio: Santiago havia se colocado entre Ramona e o padre García.

— Eles não vão sair daqui — disse, com voz rouca. — Não enquanto a gente não tiver outro lugar seguro.

— Ah, é? Quem disse? O Rei Mauricio? — revidou Ramona. — Quantos você meteu aí dentro? — Deu um passo em direção a Santiago, sustentando-lhe o olhar. — Fala! Não quer dizer? Tudo bem, eu mesma vejo!

Sem dar tempo a que ninguém reagisse, ela marchou em direção ao bunker, gritando para que abrissem a porta. Santiago deu uma contraordem e se meteu na frente, erguendo, nesse gesto, o rifle que ainda tinha nas mãos. Foi o bastante: com um grito de guerra, resquício de algum treino de artes marciais, Ramona se atirou sobre ele, e os dois se atracaram numa luta que durou segundos e a eternidade. Pois o tempo parou, congelado em dor e desespero, quando o disparo ecoou nas encostas da serra.

Como num filme, a cena se desenrolou diante dos olhos de Octavio. Agarrados um ao outro, Ramona e Santiago caíram de joelhos, depois se separaram, o rifle se desprendendo das mãos trêmulas do rapaz. Ele abriu a boca, mas não pôde gritar, apenas olhar para o peito, onde a bala o atingira à queima-roupa. Mauricio correu para ampará-lo enquanto Ramona se punha de pé, a voz tornada mais aguda pelo pânico.

— Qual é, cara, não fui eu, foi ele mesmo que apertou o gatilho! Ah, cara, que droga, como pôde acontecer...

— Isso foi um tiro? — Andrés surgiu à porta para logo recuar, branco feito papel. — Mãe de Deus! Santi!

— Ele está vivo! — gritou Ramona. Um tumulto de vozes se fez ouvir às costas de Andrés, que hesitou por um momento antes de entrar e fechar a porta. Santiago gemeu nos braços de Mauricio, manchando suas mãos de sangue vivo. Despertando-o para a nova realidade.

— Ramona, corre até o n. 1 e traz minha maleta de emergência. A maior. Você sabe onde está.

— Eu? Mas...

— Agora! — ordenou Mauricio, num tom até então desconhecido. Ramona arregalou os olhos, depois se virou e disparou trilha acima como uma lebre.

— O que posso fazer? — O padre torcia as mãos.

— Pode entrar e acalmar todo mundo. Diga para não saírem até eu chamar. Quanto a você — virou-se para Octavio, fitando-o como nunca antes — pega esse rifle e desce com a Laura. Vai! O que está esperando?

— Não podemos ir assim! — protestou Octavio.

— Ele tem razão — disse Laura, dedos crispados sobre o volante. — Não podemos te deixar sozinho nessa.

— Pois é o que devem fazer. — Mauricio ergueu a cabeça, os olhos faiscando. — Mais do que nunca é urgente procurar outro lugar. Se vocês esperarem, acabam não saindo, então vão agora! Achem alguma coisa pela qual valha a pena seguir em frente!

Com a mão livre, ele pegou o rifle do solo e o atirou nos braços do amigo. Octavio o aceitou como um autômato. O vozerio no interior do n. 9 era cada vez mais exaltado, cortado por um choro estridente de mulher.

— Vão sair em instantes, e aí vai ser o caos. Vão agora — pressionou Mauricio.

Laura respirou fundo e virou a chave. Octavio ainda hesitou, dividido entre o medo e a culpa. Foi preciso que o jipe desse a partida para convencê-lo.



Ele saltou no veículo em movimento, o rifle apertado nas mãos. Ao ultrapassarem o bunker, viram que a porta se abria, libertando as pessoas do povoado, ao passo que as do assentamento começavam a descer a trilha. Suas vozes já se misturavam, acusando e exigindo explicações, a mãe de Santi a uivar como uma loba sobre o corpo do filho.

A guerra não tardaria.

Laura dirigia rápido e em silêncio, o rosto ora sombrio, ora brilhante à luz das nuvens elétricas. Octavio se recostou no banco a olhá-la, porque era tudo que tinha. Na estrada, os faróis não revelavam nada além de escuridão, e não suportaria olhar para trás. Já não existia o Condado. Não havia um só lugar seguro em toda a Terra.

Conto publicado na antologia 2013: Ano UM (2012, Ornitorrinco & Literata). Sua reprodução neste espaço foi autorizada pela autora e pelas editoras. Mais informações sobre o livro: <http://editoraornitorrinco.com.br/v2/?p=35>



# Esperança

RICARDO GUILHERME DOS SANTOS



# ESPERANÇA

Ricardo Guilherme dos Santos

Última semana de novembro do ano de dois mil e doze. Início das férias em uma faculdade sediada na região central da capital paulista.

— Finalmente, as férias da *facul!* — foi o que gritou Larissa, assim que entrou com seu Uno Vivace no estacionamento do prédio no qual, há mais de uma década, sua família mantinha um apartamento de veraneio.

Minutos depois, a agitada morena já exibia suas curvas perfeitas entre os coqueiros do calçadão. Trajava uma *curtíssima* bermuda de *jeans* e caminhava com pressa, ora ajeitando os cabelos longos e negros, ora consultando as novidades em seu celular. *Facebook, twitter, emails...* Tudo ao mesmo tempo. Em seus ouvidos, a música vinda do celular gritava com a voz de Raul Seixas: *O Diabo é o Pai do Rock!* Larissa cantava junto com o artista, agitando freneticamente a cabeça. Na coxa esquerda, uma tatuagem com o logotipo da banda *AC/DC*, em chamas, denunciava sua preferência musical pelo rock pesado.

Fora um ano difícil na faculdade, com provas e trabalhos que lhe consumiram física e psicologicamente. Além disso, havia o estágio num Tribunal na Avenida Paulista. Sobrara pouco tempo durante o ano para se divertir. Larissa sentia-se exausta, mas ainda estava em ritmo acelerado. Ela tentava diminuir o ritmo dos passos, para mostrar com mais sensualidade seu corpo, mas não conseguia. Andava com rapidez, como se estivesse atrasada para um compromisso importante. Ainda assim, os quadris largos e a cintura fina movimentavam-se com graça.

A seu favor, o fato de um corpo jovem ter o poder de se

recuperar com rapidez. Contra a bela estudante de Direito, uma ansiedade crônica que lhe castigava desde criança. Se não havia preocupações, sua mente trabalhava para fabricá-las. E sua mente estava sempre em ebulição!

Decidiu desligar a música. Tirou o fone de ouvidos, agitando os cabelos e chamando ainda mais a atenção dos *marmenjos* que circulavam nas redondezas. Respirou fundo e tentou relaxar um pouco sua mente. Porém, antes que pudesse iniciar seu *momento zen*, o celular tocou.

Era Patrícia, sua melhor amiga. A voz dela estava acelerada; a garota parecia tensa. Para Larissa, aquilo pareceu o prenúncio de que o dia não seria tão tranquilo quanto precisava que fosse.

— *La*, está acontecendo uma coisa *mega estranha* aqui na Paulista.

Até aí, nada de incomum. Patrícia costumava exagerar em suas observações. Quando estava às vésperas de uma prova importante, queixava-se de tonturas e dizia que sua pressão deveria estar *abaixo de zero*. A loura Patrícia era medrosa e hipocondríaca. Tinha uma beleza frágil, que se amoldava com perfeição à sua personalidade. Sua fisionomia angelical e a voz de menina eram outros elementos que denunciavam sua doçura.

— Relaxa, Paty. Você já está de férias da *facul* e daqui duas semanas entrará em férias no estágio também. Deixe de ser *melodramática*.

— *Melodramática*? Daqui a pouco o que está acontecendo aqui vai aparecer nos noticiários do mundo inteiro!

Pelo jeito, sua melhor amiga ainda não tinha conseguido superar a agitação das provas finais. Olhando sob esse aspecto, as duas estavam na mesma situação. No entanto, era impossível para Larissa não rir ao imaginar o rosto de leite de Patrícia tornar-se rubro, como sempre acontecia durante suas *crises de exagero*.

— *Tá bom, Paty*. Que coisa *mega estranha* é essa? Por acaso estamos sendo invadidos por *marcianos canibais* ou algo pareci-



do?

— Acho que algo parecido — respondeu Patrícia, com a voz tensa.

— Opa, a coisa parece séria — disse Larissa a si mesma, franzindo as estreitas sobranceiras. Patrícia ouviu e reclamou:

— É claro que é sério! Não acredita em mim?

— Calma, amiga. Respire fundo e me diga *pausadamente* o que está acontecendo — ponderou a morena.

— Uma n-nave imensa apareceu e p-pousou bem em c-cima do C-Conjunto N-Nacional — a voz de Patrícia era picotada por algum tipo de interferência.



*Desta vez, a Paty se superou* — refletiu Larissa. Sim; havia acontecido algo incomum no céu paulistano naquele dia: uma movimentação estranha de nuvens escuras, que irromperam com violência do firmamento até a atmosfera. De fato, parecia que algo imenso poderia rasgá-las a qualquer momento, porém surgiram apenas raios e relâmpagos. Assustadores, é verdade, mas nada além disso. Foi o que Larissa viu no noticiário da TV. Apenas na imaginação prodigiosa da amiga de mente influenciável é que uma nave brotara.

— É isso que dá assistir *Independence Day* cinco vezes — brincava Larissa ao telefone, minutos depois, já em seu apartamento. A morena acabara de sair do banho e tinha apenas uma toalha envolvendo seu corpo escultural.

— Na hora eu me lembrei do livro *O Fim da Infância*. Foi sinistro.

— Que *raio* de livro é esse, *Paty*?

— É ficção científica. Quer que eu lhe conte a história?

— Agora não — bravejou Larissa, mostrando-se impaciente. — Preciso me vestir e comer alguma coisa. Ligo para você de-

pois. Beijo.

Para Patrícia, no entanto, a conversa não terminara:

— Tinha uma nave sim. Tenho certeza! Em formato de ovo, azulada, com partes transparentes que pareciam compartimentos com janelas.

Larissa irritou-se com a amiga e disparou:

— Então por que ninguém mais a viu?

— Porque o cérebro das outras pessoas não conseguiu processar direito o que estava acontecendo. O cérebro humano é assim, sabia? Nossos olhos só nos mostram o que o cérebro reconhece, o que está acostumado a ver.

— *Paty*, o seu cérebro é igual ao das outras pessoas. Se o delas não processa algo, o seu também não processa. Você tem imaginação demais. Crie uma *válvula de escape* para suas fantasias.

— Não preciso de nenhuma *válvula de escape*! O fato de meu cérebro ter processado o que aconteceu é uma prova de que tenho a mente aberta.

Larissa pensou em brincar com a amiga, dizendo que sua mente aberta estava deixando alguns parafusos caírem, mas preferiu guardar a piada. Sabia o quanto Patrícia era sensível e, embora estivesse um tanto irritada com aquela história, não queria aborrecê-la.

— Eu não duvido de você, *Paty*. Só acho que é muito fantasiosa. Concentre-se no seu trabalho agora e tente esquecer isso por enquanto. Depois eu te ligo e *a gente* conversa mais, tá? Enquanto isso, acompanhe os noticiários e veja se aparecem novidades.

A resposta veio quase inaudível. A voz de Patrícia estava carregada de desânimo:

— Tá certo, *La*. Vou fazer isso.





— Maremoto; maremoto! — o grito viera do apartamento ao lado, acordando Larissa, de forma abrupta, de sua soneca vespertina.

*Não vou conseguir descansar hoje, pensou. Acho que não vou conseguir relaxar nunca!*— desabafou em seguida.

Irritada, Larissa levantou-se do sofá e foi até a sacada. Seu apartamento ficava na primeira quadra após a praia, de frente para o mar. Se houvesse algum aumento na altura das ondas, ela não teria a menor dificuldade para notar.

Bastou abrir a porta da sacada para perceber que algo estava errado. O barulho que vinha do mar era intenso, como se as águas marinhas se movimentassem nos arredores do prédio. Nas sacadas e prédios vizinhos, pessoas se aglomeravam.

Ao mirar seus olhos na direção do mar, Larissa viu ondas altas, que se formavam no horizonte e aproximavam-se do calçadão. Graças à *pancada* de chuva que caíra minutos antes, felizmente parecia não haver mais ninguém na praia. No entanto, a movimentação despertara a curiosidade dos motoristas que transitavam com seus carros na via conhecida como *avenida da praia*, provocando engarrafamentos e discussões.

Larissa jamais vira o mar tão revolto.

A estudante de Direito tirou do bolso o celular e filmou o horizonte, mirando no local em que as águas pareciam mais agitadas. Do décimo andar onde estava, pôde notar que as ondas não vinham de todas as direções do oceano, mas se formavam num determinado lugar, como se algo estivesse acontecendo sob as águas exatamente naquele ponto. Larissa teve a nítida impressão de que alguma coisa irromperia do mar a qualquer momento. Era inevitável lembrar-se do relato de Patrícia.

Dois ou três minutos depois, a agitação diminuiu, cessando por completo em menos de cinco minutos. Nada surgiu do fundo do mar rumo à superfície. Não houve barulho de explosão, não apareceram monstros marinhos, tampouco emergiram naves.

Nada, absolutamente nada. Fora a coisa mais estranha que Larissa vira em sua vida.

Ela voltou para a sala instantes depois e conferiu a filmagem que fizera. Intrigada, murmurou:

—Tem alguma coisa estranha acontecendo.E deve ter relação com o que a Paty viu. Vou enviar esse vídeo para ela por *email*.



À noite, diante de seu computador, Patrícia via com seus pequenos olhos azuis o que a amiga — e, ao que parecia, todas as demais pessoas — não fora capaz de visualizar. Do belo azul das águas, emergira uma nave de interessante aerodinâmica. Era repleta de curvas e tinha um formato indefinido. A primeira ideia que veio à mente de Patrícia fora a de uma ameba gigante, ou de uma massa mal moldada. Na parte central, havia uma pequena elevação em formato cilíndrico. Não era um objeto feio, apenas estranho para nossos padrões de beleza. Possuía tonalidades suaves, que se alternavam enquanto ele se movimentava. As cores eram agradáveis de serem vistas, sobretudo quando os tímidos raios solares, que afastavam os resquícios da chuva que caíra, tocavam as extremidades da nave. O resultado desse encontro era um brilho intenso. Era óbvio que aquele engenho fora construído com um material desconhecido na Terra.

A nave não era grande; parecia ter menos da metade do tamanho daquela que Patrícia vira na Avenida Paulista. A que visualizara no céu paulistano era mais imponente, mas a filmada por Larissa lhe parecera mais *simpática*. Ao menos, a sensação que lhe proporcionara era bem melhor. Quando vira o imenso ovo azul na Paulista, Patrícia tivera uma sensação bastante desagradável. Sentira uma onda de frio intenso; chegara até a pensar que estava febril. Mas não havia febre; bastou desviar seus olhos daquela “coisa” para recuperar o bem-estar.

Tomando às mãos o telefone, Patrícia discou o número do celular da amiga. Estava fascinada com o vídeo e planejava visu-



alizar o local de perto:

— Amiga, hoje é sexta-feira e estou sem nada para fazer esse final de semana. Posso ir aí amanhã?

— Eu quero que você venha hoje, *Paty!*

— Ah, hoje não dá. Você sabe que eu tenho medo de dirigir à noite.

Patrícia e Larissa eram inseparáveis desde crianças, quando cursaram na mesma sala o terceiro ano do ensino fundamental. Era uma amizade de mais de dez anos. A confiança e o carinho que existia entre elas era muito grande e aumentara bastante a partir da adolescência. As primeiras paqueras, os primeiros conflitos, as dúvidas, as incertezas, os amores... Todas as experiências mais importantes eram compartilhadas entre elas. Eram como irmãs. Em tudo, até nas brigas passageiras. Que não eram raras...

— Você já é adulta, Patrícia. Não pode mais ter esses medos infantis. Pegue seu carro e venha hoje! — Larissa nascera apenas três meses antes que a amiga, mas sempre atuava como uma irmã mais velha. *Bem* mais velha.

Patrícia costumava ceder às recomendações da amiga e não precisou de mais do que um instante para rever seus planos:

— Vou tomar um banho rápido, jantar e separar umas roupas. Antes das onze estarei aí, amiga!

— Assim é que se fala, *Paty!* — bradou Larissa, com um sorriso de satisfação nos lábios carnudos e bem delineados.



Já era madrugada quando Larissa e Patrícia decidiram ir até o calçadão. Andaram um pouco, compartilharam sua estranheza com os fatos recentes e por fim sentaram-se num banco que lhes proporcionava um belo panorama da região. A noite estava agradável. No céu, a lua cheia era um espetáculo à parte. Parecia brilhar como nunca, iluminando a praia como se fosse um sol tênue.

— Não é uma noite comum — profetizou Patrícia.

— Não, não é uma noite comum. E vocês precisarão se acostumar com fatos incomuns. A partir de hoje, nada será como antes.

As garotas estremeceram. Estavam certas de estarem sozinhas no calçadão. A voz que ouviram viera do banco ao lado, no qual, a um mero instante, não havia ninguém. Era uma voz doce, suave, sendo impossível distinguir se masculina ou feminina.

Ao olharem na direção daquela voz, depararam-se com uma figura de aparência singular.

— Não se assustem. Estou aqui para ajudar — ponderou a voz, enquanto a criatura se levantava e caminhava para o banco onde estavam as garotas.

Conforme se aproximava, aquela figura se revelava para os olhos das estudantes de Direito. Era um homem — ao menos, aparentava ser — com cerca de um metro e oitenta e cinco de altura, de porte atlético e andar sereno. O corpo, muito musculoso, contrastava com os traços faciais delicados, quase femininos. Uma figura andrógina, que lhes inspirou grande simpatia. Usava vestes leves, quase transparentes, que se ajustavam ao corpo a cada movimento. A proximidade do contato físico fez com que a pele da criatura resplandecesse, iluminando-a de uma forma celestial.

Patrícia foi a primeira a se manifestar:

— Você é um anjo, ou alguma coisa assim?

— Sou alguma coisa assim — disse a criatura, revelando dentes muito alvos.

Larissa estava em transe. Achara aquele homem *lindíssimo*. Sempre sonhara com um homem de porte físico atlético, mas que tivesse a doçura de uma mulher. A imagem que tinha à sua frente, no entanto, superava suas expectativas. Era um ser perfeito, nas formas, nos modos educados, no sorriso encantador... E tinha um par de grandes olhos azuis que a hipnotizavam. Os cabelos castanhos, muito curtos, deixavam mais evidentes as feições suaves



daquele rosto.

— Sente-se aqui conosco. E nos explique melhor o que significa esse seu *alguma coisa assim* — disse a morena, exibindo seu belo sorriso.

O visitante sentou-se ao lado delas. Larissa e Patrícia sentiram a paz que emanava dele, enquanto ele, de alguma forma, percebia as reações fisiológicas que provocava nas duas humanas. Notando-as excitadas com sua presença, a criatura ruborizou. Não parecia habituada com desejos sexuais.



Larissa dormiu num quarto, Patrícia no outro. O sofá da sala abrigou o visitante, que passou a madrugada inteira assistindo desenhos animados. Ele ficara fascinado com o que vira; tinha o coração tão puro quanto o de uma criança humana.

Pela manhã, Larissa foi espiá-lo. Trajando minúsculas roupas íntimas, que exibiam suas curvas voluptuosas, ela adentrou a sala. Decidira testá-lo:

— Você passou a noite inteira acordado? — com a voz doce e provocante, ela se aproximou e sentou-se ao seu lado no sofá.

— Não precisamos dormir como vocês — respondeu ele, sentindo-se acuado.

Larissa o olhava com deslumbramento. Não era o que se costuma chamar de *uma garota fácil*, mas, sentindo-se diante do que considerava um verdadeiro deus grego, não conseguia conter seus instintos sexuais. Excitada, a universitária tocou com suavidade o ombro do visitante e beijou-o no rosto de forma delicada, fazendo-o estremecer. Depois, sussurrou em seu ouvido:

— Ainda não nos disse seu nome.

Naquele instante, Patrícia surgiu diante deles. Larissa assustou-se e se afastou. Ao contrário da amiga morena, a loura estava com um pijama discreto. Tímida, a garota ficou encabulada diante da cena que visualizou.

— Meu nome é Ariel — disse ele em voz alta, tentando desfazer o momento embaraçoso.

— Conte-nos mais sobre você e a razão de estar aqui — pediu Patrícia. Com os olhos, ela perguntou à amiga se podia se aproximar. A ligação entre as duas era tão forte que lhes permitia compreenderem-se sem precisarem usar as palavras. Larissa estava visivelmente desconfortável, envergonhada por sua própria ousadia, mas emitiu um sorriso ténue, o que indicava que Patrícia poderia sentar-se ao lado deles. A loura aproximou-se com cautela e sentou-se no canto do sofá.

Ariel falou com um tom *professoral*:

— Vocês devem ter ouvido falar muito num possível apocalipse no final deste ano.

Larissa arregalou os olhos, interrompendo-o:

— Então esses comentários sobre um apocalipse em dezembro de dois mil e doze são procedentes? As profecias maias estão corretas?

— O apocalipse é uma realidade possível. Infelizmente, nossos estudos indicam que é bastante provável. Quanto aos maias, eles não profetizaram, apenas foram informados sobre uma grande mudança que acontecerá na Terra. A mudança que está por vir é certa; o apocalipse, não. Ela marcará o final de um ciclo na trajetória dos humanos desse planeta.

— Você veio naquela nave que saiu das águas?

— Sim, Patrícia. Na verdade, estamos espalhados por várias regiões litorâneas do globo, tentando protegê-los. Meu povo tem a missão de cuidar de vocês desde o início dos tempos.

— São nossos *anjos da guarda*?

— Não exatamente, Larissa. Somos seres de uma espécie semelhante à do povo da Terra, porém muito mais antigos. Tivemos mais tempo para *evoluir* e recebemos o encargo de cuidar de vocês. Vocês chamam isso de *anjos*, mas nos consideramos apenas



seus tutores.

— Aquela nave que vi sobre a Avenida Paulista pode ser um problema?

— Ela é um grande problema, Patrícia. E, como ela, existem outras pairando sobre as mais importantes capitais do mundo. Em breve, todos poderão visualizá-las, assim como você, que tem a sensibilidade mais aguçada que as outras pessoas.

— Que seres estão nestas naves? — perguntou Larissa, percebendo a gravidade do que estava acontecendo.

— Criaturas constituídas de energias voláteis. Não possuem uma forma física definida.

— E o que elas querem de nós? — insistiu a morena.

Pela primeira vez, a criatura precisou refletir por alguns instantes antes de responder:

— Na faculdade, vocês passam por avaliações periódicas que testam seus conhecimentos, não é verdade? Então, estes seres estão aqui com a missão de testá-los, de avaliar seu estágio evolutivo. Saber se “passaram de ano”. São apenas instrumentos guiados por uma força superior, só que não brincam em serviço.

— Eles podem nos matar? — gritou Patrícia, assustada.

— Diretamente, não. Mas podem induzi-los a se matarem, se concluírem que vocês não são dignos de continuar habitando a Terra.

— E você? Acredita que os humanos não merecem este planeta?

— Não, Patrícia. Penso de maneira diferente, assim como os outros tutores. Enxergamos em seu povo uma grande capacidade para evoluir em espírito, mas vocês estão caminhando a passos lentos. Há um prazo para tudo no universo. E o povo da Terra chegou a um momento crítico em sua existência.



Os conflitos começaram nas grandes capitais. Depois, se alastraram para as demais regiões, atingindo todos os rincões do planeta. No mundo inteiro, a partir do dia seguinte à aparição detectada pelos olhos de Patrícia na Avenida Paulista, o número de homicídios aumentou de forma assustadora. Era como se o ódio estivesse no ar.

Doutrinas discriminatórias ganharam novos e fervorosos adeptos. Conflitos religiosos intensificaram-se, transformando-se em guerras nos dias que se seguiram. A notícia mais assustadora chegara do Oriente Médio. Uma guerra fora deflagrada entre Irã e Israel, ganhando rápida adesão de outros países da região. Um conflito sangrento, que culminava em destruição e mortes sem precedentes em toda aquela região do globo terrestre.

Nas localidades mais populosas, o trânsito caótico causava constantes desentendimentos, que culminavam muitas vezes em agressões físicas, disparos de armas de fogo e inúmeras mortes. O caos se instalara em poucos dias.

Os habitantes da Terra, tomados por um ódio irracional, não conseguiam entender o que estava acontecendo. Reduzidos a seus instintos mais destrutivos, os seres humanos não raciocinavam antes de agir, tampouco refletiam sobre as ações praticadas. As pessoas foram transformadas em máquinas de matar. Não havia compaixão.

Como acontecera em São Paulo, havia naves azuis pairando sobre a atmosfera das mais importantes capitais do globo. A mera presença delas parecia afetar o sistema nervoso central dos seres humanos, despertando-lhes uma fúria impressionante.

Nas regiões litorâneas, as naves que emergiram dos mares, agora já detectadas pelos cérebros dos que residiam nas redondezas, emitiam uma espécie de energia, que produzia um efeito tranquilizante na atmosfera. Era um paliativo, cuja eficácia variava de pessoa para pessoa.

Larissa e Patrícia foram levadas por Ariel para o interior de sua nave, que pousara sobre a areia. De forma incompreen-



sível para nossos sentidos, ela era bem maior em seu interior do que aparentava ser no aspecto externo. A *grande ameba*, como a apelidara Patrícia, era povoada por seres de aspecto semelhante ao de Ariel, todos de modos serenos e voz adocicada. Não havia na nave painéis, tampouco botões, muito menos as antiquadas alavancas. Apenas luzes e sons, que se misturavam e mudavam de tonalidade. Patrícia concluiu que a nave deveria possuir uma inteligência artificial, ou que talvez fosse movida por comandos mentais.

Larissa notou que não havia entre os visitantes nenhuma criatura com formas femininas e questionou-se se haveria mulheres no planeta deles. *Provavelmente não*, pensava a morena, pois ficara claro que Ariel não tinha qualquer experiência relacionada ao sexo. Uma incógnita que lhe despertou a curiosidade.

Combater as outras naves, dissera-lhes Ariel, estava fora de cogitação, pois nossos *tutores* jamais faziam uso da força. Além disso, os visitantes hostis tinham uma missão a cumprir, estabelecida por um poder superior que os *tutores* em hipótese alguma poderiam afrontar.

— Como vamos acabar com essa carnificina então? — questionou Larissa, num misto de desespero e impaciência.

Essa era a grande questão.



— A presença deles na atmosfera do planeta agride o sistema nervoso central e estimula a ira nos seres humanos. A energia que nossas naves liberam ajuda as pessoas a encontrarem em si o equilíbrio e o bem estar. Eu sei que isso parece pouco, mas são forças que equivalem em potência. A única vantagem deles é terem surgido em regiões mais populosas, mas a energia que liberamos em breve atuará também em todas as áreas do globo terrestre — explicava-lhes Ariel. — Quando isso acontecer, creio que a ira será abrandada.

— Vocês não têm como saber para que lado as pessoas se

inclinarão? — questionou Larissa.

— A grande maioria tende a seguir os maus impulsos, mas existe em vocês o potencial para superar isso. É preciso criar situações que despertem o amor nos seres humanos. *Provas de amor* são antídotos eficazes contra a energia daqueles seres. O amor é a força mais poderosa do universo. É o que poderá salvá-los da destruição.

— E vocês não podem simplesmente libertar a mente das pessoas das más influências?

— Não, Larissa, não podemos interferir no livre-arbítrio das outras criaturas. Só podemos emitir energias de igual potência às dos agressores. E isso já foi feito. Agora, o futuro de vocês depende do esforço pessoal de cada um. Dezembro de dois mil e doze foi estabelecido pelo Poder Supremo como o mês do julgamento dos seres humanos que habitam a Terra. As criaturas de energias voláteis, no fim das contas, estão apenas cumprindo seu papel de acusadores, tornando mais intensas suas maiores falhas de caráter. Nós, seus tutores, atuamos como advogados de defesa, procurando mostrar que vocês podem encontrar um ponto de equilíbrio. São vocês, no entanto, que darão seu próprio veredicto. Estão sendo expostos às suas maiores vulnerabilidades. Precisam mostrar que são capazes de superá-las.

— Se fracassarmos, vocês vão nos abandonar à nossa própria sorte? — quis saber Patrícia, com lágrimas nos olhos.

— Ficaremos aqui para acompanhar os acontecimentos. Mesmo que o mal triunfe, não será o fim. No entanto, o recomeço será difícil.

— E se o lado bom das pessoas vencer?

— Então a Terra irá se transformar, gradativamente, num lugar semelhante àquilo que vocês chamam de *paraíso*.

Ouvindo-o e admirando seu corpo, Larissa se perguntava se no paraíso todos teriam uma aparência tão atraente. Encantada com a aura azul que contornava Ariel, Patrícia questionava-se se



no paraíso todas as criaturas seriam tão doces e bondosas quanto ele. Cada uma à sua maneira, ambas estavam se apaixonando por aquele ser andrógino.

— Vou acompanhá-las de volta ao apartamento. Patrícia, não volte por enquanto para São Paulo. Espere alguns dias para ver o rumo dos acontecimentos.

Patrícia, como de costume, era a imagem da fragilidade. Sua estatura era baixa, o corpo delgado e a pele muito clara. Ao ouvir o conselho de Ariel, ela corou. Ficara feliz ao notar que ele se importava com seu bem estar.

A seu lado, Larissa esforçava-se para sufocar o ciúme.



Alguns dias se passaram. Como Ariel previra, a intensidade do mal diminuiu a partir de um determinado momento, com o arrependimento de algumas pessoas. Dois ou três dias depois, entretanto, fortaleceu-se novamente. Larissa perdeu um tio, alvejado por uma bala durante uma discussão de trânsito. Seu único irmão também estava ferido, mas não corria risco de vida. A dor maior era de Patrícia, que recebera na manhã anterior a notícia de que a mãe fora vítima da insanidade de alguns adolescentes, que a atacaram e a espancaram sem qualquer motivo. Ela não resistira aos ferimentos.

— Não acredito que o mundo como conhecemos vai acabar! — dizia Larissa, enquanto andava de um lado para outro na sala, exibindo em seu semblante o medo e a impaciência.

— Temos que acreditar no melhor, amiga. Vamos fazer pensamento positivo!

Ao ouvir a ponderação inocente da amiga, Larissa explodiu:

— Pensamento positivo? Pensamento positivo, Patrícia? Não vê que o mundo está em guerra? Não leu na *internet* que as pessoas estão se matando? Que enlouqueceram? Não notou que quase um quarto das pessoas ao redor do mundo foram assassinadas ou estão feridas? Não percebeu que não há mais lugares

nos hospitais para abrigar essas pessoas? E você acha que só o pensamento positivo pode acabar com esse inferno?

Habitualmente tranquila, Patrícia enfureceu-se:

— Eu perdi minha mãe, sua idiota!

Descontrolada, Larissa partiu para cima da amiga, chacoalhando seus ombros:

— Você está se fazendo de vítima para conquistar o Ariel! Pensa que me engana, vadia?

— Larissa, eu perdi minha mãe! Não quero perder a amizade da minha única irmã! — gritou Patrícia, aos prantos, fazendo com que Larissa *caísse em si*, envergonhando-se de sua atitude.

Naquele momento, a figura de Ariel surgiu no apartamento. Não tocou a campainha, tampouco bateu na porta. Simplesmente materializou-se diante delas, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Usava vestes de cor prateada, longas e largas. Seu corpo agora emitia luzes mais intensas, numa mescla de cores que se refletiam nas paredes da sala de forma ofuscante. As meninas assustaram-se num primeiro momento, afastando-se dois passos, mas tiveram uma sensação muito acolhedora em seguida. Unidas pelo carinho que nutriam mutuamente há muitos anos, elas se abraçaram. Abraçadas e surpresas, viram duas longas asas brotarem nas costas de Ariel e abrirem-se de forma magnífica. Eram alvas e muito longas. Quando totalmente abertas, mal couberam na sala do apartamento de Larissa.

A imagem de Ariel, agora transfigurado em algo verdadeiramente angelical, era de uma beleza inédita para os olhos das duas estudantes de Direito. Foi preciso que alguns minutos se passassem para que elas recuperassem o fôlego. Antes disso, ele lhes falou com sua serenidade habitual:

— Notaram que só o amor pode controlar o ódio?

Elas o ouviram em silêncio. Afinal, aquela pergunta era, ao mesmo tempo, sua resposta.



Ao vê-las assustadas, Ariel encolheu suas asas e sentou-se ao lado delas no sofá. A TV estava ligada e não trazia boas notícias: duas armas nucleares haviam sido disparadas no conflito que estava sendo travado entre as Coreias. Além disso, uma guerra envolvendo vários países da Europa estava para eclodir a qualquer momento. Até mesmo o Brasil, normalmente um país pacífico, poderia se fragmentar em breve. A desconfiança entre os habitantes das cinco regiões do país e entre os integrantes das diversas etnias que constituem nossa nação havia aumentado desde a aparição das naves hostis. Naquele momento, o noticiário informava que os estados da região sul pretendiam declarar sua independência nas próximas horas, fundando a *República dos Pampas*. A presidenta adiantara que não aceitaria esta cisão. Disse que, se fosse preciso, usaria as Forças Armadas para manter a integridade do território. A tensão era grande.

Com dificuldades para conter a atração física que sentia por Ariel, Larissa encostou a cabeça sobre seu tórax. Queria sentir o calor que emanava daquele corpo. Porém, para sua surpresa, sua cabeça pareceu afundar no peito da criatura. Larissa deu um pulo no sofá.

— Você... Não é feito de carne?

— Sou feito de uma matéria diferente.

— Como vocês fazem amor no seu planeta? — questionou ela, movida por seus instintos.

— Não é preciso contato físico para demonstrar amor — disse ele, com naturalidade.

— E o prazer? — quis saber a incrédula Larissa.

— Você não pode pensar em sexo quando o mundo está acabando! — protestou Patrícia, inconformada com a insistência da amiga.

— Nós experimentamos o prazer compartilhando nossos pensamentos — explicou Ariel, com sua pureza habitual.

Tudo aquilo era muito mais do que a mente prática de La-

rissa conseguia processar naquele momento. Na sua concepção, um mundo sem prazer físico poderia até ter uma aparência bonita, com ares de paraíso, mas seria por demais monótono. Compartilhar pensamentos em nada contribuiria, em sua ótica, para espantar o tédio de viver num lugar assim. *Que tipos de criaturas experimentariam o prazer daquela maneira?*

— Preciso tomar um ar — murmurou, cabisbaixa. E deixou o *anjo* e a loura sozinhos em seu apartamento.

Patrícia contemplou a imagem de Ariel. Também estava fascinada por ele. Não era apenas o aspecto físico que a atraía, mas algo invisível que emanava dele e lhe transmitia uma sensação indescritível. O corpo aparentava ser muito forte, mas, como notara Larissa, não tinha solidez alguma. Patrícia experimentou, com suas mãos, pressionar com força as dele, e constatou que a matéria de que era formado podia ser penetrada, expandindo-se e alterando levemente sua forma.

— Não dói quando eu faço isso?

— Nem um pouco.

Para surpresa de Ariel, o contato físico estabelecera uma conexão especial entre eles. Patrícia criou coragem e arriscou:

— Me ensina?

— O que você quer aprender, Patrícia?

— A fazer amor como vocês.



Pouco mais de uma hora depois, Larissa retornou. Quando abriu a porta do apartamento, deparou-se com uma cena insólita. Sentados no sofá, sem se tocarem, notou os corpos de Patrícia e Ariel alternarem cores e emitirem fachos de luz, além de perfumes doces e inéditos para seus sentidos. Uma música enigmática se espalhava pelo ambiente<sup>1</sup>. Larissa era pianista, mas desconhecia por completo as notas musicais que ecoavam em seu apartamento. Todavia, podia perceber que a melodia e a harmonia eram

<sup>1</sup>Inspirado em cena do filme *Cocoon*.

de uma complexidade impressionante.

Vendo sua melhor amiga praticando com o objeto de seu desejo o relacionamento mais íntimo que os *tutores* eram capazes de compartilhar, Larissa sentiu-se derrotada. Em silêncio, abandonou o ambiente, deixando-os novamente a sós.

—Acho que é isso que se costuma chamar de *almas gêmeas* — sussurrou para si mesma, enquanto passava pela guarita do prédio.

Com passos lentos, Larissa atravessou a avenida que antecedia o calçadão. Usava a mesma bermuda de *jeans* do dia em que chegara à baixada santista, só que desta vez a morena caminhava com elegância. Sua elegância, no entanto, era triste. Mantendo os olhos fixos no mar, que tanto a encantava, Larissa caminhou até a praia, parando à beira-mar. Sentou-se na areia e observou a beleza das águas, com suas faixas verdes e azuis, que brilhavam ao contato dos raios solares. A crista das ondas, de um branco muito alvo, completava aquele cenário paradisíaco.

Não lhe parecia sensato, mas pensar em Ariel a deixava ainda mais triste do que vivenciar a agonia da vida humana na Terra. Apaixonara-se de verdade; não tinha culpa se desejava expressar seus sentimentos por intermédio do sexo. Era essa a forma que seu corpo reagia à paixão.

Uma sensação angustiante tomou conta de Larissa. Ela fechou os olhos e estendeu os braços, buscando forças no infinito que a cercava. Recordou-se da imagem que vira há pouco em seu apartamento: havia algo que ligava a criatura angelical à sua amiga Patrícia, algo que Larissa não se sentia capaz de compreender.

Pensou na amiga. Lembrou-se da infância e de como protegia Patrícia das outras crianças. Larissa sempre fora mais valente, *brígida* e decidida. Recordou-se do dia em que juraram amizade eterna. Diante da imensidão do mar, quase podia visualizar novamente a menina loura dizendo que a amava. Larissa ficara calada naquele momento, pois considerara um exagero da amiga. Agora,



no entanto, a recordação a fazia chorar.

A morena finalmente entendeu que também amava Patrícia. Era uma forma de amor fraternal, sem necessidade de qualquer contato físico. Ela jamais imaginara a possibilidade de sentir prazer com o corpo da amiga e, no entanto, não podia viver sem ela.

*Sim, refletiu, o amor pode se manifestar das mais variadas formas. A variedade está presente em tudo no mundo. Então... Por que os tutores não teriam o direito de expressarem o amor daquele jeito estranho? E por que Ariel não poderia preferir Patrícia? Não teria ele o direito de escolha?*

No momento em que as águas marinhas alcançaram seus pés, concentrou seus pensamentos no inferno que estava assolando o planeta. Tudo aquilo era fruto da incompreensão para com aqueles que não compartilhavam das mesmas convicções e sentimentos. A intolerância e o desrespeito à diversidade estavam destruindo nossa civilização. As criaturas voláteis apenas tornaram óbvia esta realidade.

Em meio ao turbilhão de pensamentos, outra música de Raul Seixas veio-lhe à mente, como uma espécie de intuição:

*“Mas cada um nasceu com a sua voz*

*Pra dizer, pra falar*

*De forma diferente*

*O que todo mundo sente”*

*Somos todos iguais* — desabafou em voz alta, embora não houvesse ninguém por perto para ouvi-la. *Somos todos iguais e estamos nos matando!*

Revoltada, Larissa levantou-se e caminhou pela praia. Depois de refletir por algum tempo, concluiu que não tentaria interferir no relacionamento entre Patrícia e Ariel. Ela era a irmã mais

velha; tinha o dever de zelar pela felicidade da caçula, mesmo que isso lhe custasse muitas lágrimas.

*Espero que eles tenham tempo para se amar, que não morram no meio desta loucura.*

Pensar na felicidade de Patrícia aliviava sua tristeza, mas ainda era muito pouco diante de tudo o que estava acontecendo. Ela precisava fazer algo para melhorar a situação de todos no planeta. Alertar as pessoas de alguma forma, falar da importância de aprenderem a conviver. Mas... Como faria isso? Alguém a ouviria, por acaso?

*Não posso fazer nada, concluiu. Sou apenas mais uma idiota num mundo de idiotas.*

Felizmente, estava enganada.

Ariel não estava autorizado a revelar, mas Larissa era uma das pessoas escolhidas para serem monitoradas pelo Poder Supremo naquele momento crucial. Tinha sido exposta a uma *prova de amor* e sua conduta fora considerada satisfatória. Ela não se portara como um anjo, mas fizera o que se esperava de um ser humano: mostrara-se capaz de demonstrar amor e de se preocupar com o bem estar de seus semelhantes.

Era o suficiente para um recomeço.

Se a semente germinar, se outras pessoas comportarem-se de forma semelhante, então há esperança para os habitantes da Terra.

Uma tênue esperança.





# Recomeço

ZE WELLINGTON



# RECOMEÇO

Zé Wellington

**P**ela TV o país inteiro acompanhava a história de Herbert, jovem pobre de origem humilde. Soterrado por pelo menos dez metros de entulho, o sobrevivente havia passado dois dias sob os restos de um prédio de quinze andares. O resgate durou pelo menos seis horas. Herbert conversou o tempo todo com os bombeiros, em transmissão televisionada ao vivo, e disse estar confiante em Deus de que sobreviveria. No programa da manhã, a apresentadora loira recebia diversas doações para Herbert. Ele já havia ganhado uma casa, centenas de roupas, bolsa de estudos numa faculdade e um ano de fraldas descartáveis para quando pensasse em ter um filho. Seis horas de resgate. Foi mais tempo do que durou o “contato”, como os jornalistas estavam chamando.



Dois dias antes o jovem jornalista Bruno chegara a seu apartamento, esvaziando todos os bolsos ao entrar. Estava sentindo-se pesado, denso. Roy não o recepcionou, o que fez Bruno pensar que seu velho *poodle* já não era mais o mesmo. Gritou pelo menos duas vezes pelo nome de Mary antes de entrar no quarto do casal. Antes de encontrar aquele cenário.

Do lado de fora do prédio, cidadãos enfrentavam o trânsito caótico da hora do *rush*. Não havia nada para o pacato empregado Jonathan olhar pela janela do carro, quando um estranho objeto, do tamanho de um trator, aterrissou em cima do seu capô provocando uma grande explosão que engoliria pelo menos um quilômetro de carros engarrafados. O pânico se instalou em poucos segundos. Há quem ainda conseguiu ver os caças da Força



Aérea perseguindo outros objetos voadores não identificados no céu.

Bruno ainda estava atônito. Mary estava com a cabeça enterrada na almofada, cena até cotidiana não fosse seu pescoço violentamente torcido e o restante do seu corpo virado para o lado contrário. Parecendo surpreso, um homem desconhecido terminava de esganar Bruninho. Ele jogou o cadáver da criança de lado e avançou sobre Bruno, que parecia não entender o que estava acontecendo. Não lhe veio à cabeça a reportagem sobre o maníaco do centro. Havia passado batido pela notícia sobre o homem que invadia os apartamentos roubando as chaves mestras dos porteiros. Dez vítimas fatais e pelo menos vinte desaparecidos.

Tobias, *chef* desempregado, fazia cozer no parque da cidade quando presenciou aquela perseguição. Três soldados, fortemente armados, corriam atrás de um gafanhoto gigante. Olhou bem e percebeu que não era exatamente um gafanhoto gigante, mas certamente pareceria com um, caso tais animais existissem. Os dois soldados interceptaram rapidamente o ser estranho, e Tobias pôde observar de longe quando um dos soldados atirou na cabeça do extraterrestre. Discretamente um dos militares cortou um pedaço de uma escama do ser e guardou-a no seu bolso. Tobias pensou que talvez fosse interessante guardar um pedaço para si também. Podia valer alguma coisa num leilão na internet.

Bruno se digladiava com o maníaco na cozinha de seu apartamento. O assassino parecia forte, mas Bruno estava motivado. Cego pela fúria, desejava que o maníaco não saísse vivo dali. Um descuido, e uma faca de pão sobre a mesa foi a primeira arma enfiada pelo jovem no desconhecido. Depois viriam dois garfos, uma colher de chá e uma haste de bate-deira. Como o programa policial já havia informado, o maníaco não carregava armas. Fato do qual ele se arrependera profundamente quando começou a apunhar de Bruno.

Santiago talvez tenha sido o primeiro a ver a nave alienígena maior aproximar-se da capital. Era difícil medi-la apenas com



os olhos, por conta de sua distância até o chão. Santiago, que já havia trabalhado como engenheiro civil, chutou algo em torno de 900 metros. A nave já estava rodeada de aviões de guerra quando começou a descer. Primeiro devagar, como de forma planejada. Depois rapidamente, como se estivesse ao gosto da gravidade. Pequenas explosões em seu casco fizeram Santiago pensar que ela havia sido abatida. Uma manobra evasiva colocou a grande nave em queda inclinada. O destino? O centro da cidade.

O maníaco do centro se arrastava pela casa, sangrando. Pensou por um instante nas quarenta e seis pessoas que matara. Pescoço torcido e violação sexual. Esse era seu padrão. Tinha ouvido na sua cabeça a voz que dizia que deviam ser quarenta e seis pescoços torcidos e quarenta e seis violações sexuais. Eram as duas últimas vítimas. Acabaria ali. A voz dissera que depois de quarenta e seis vítimas ele seria elevado, iniciaria uma nova vida, como uma nova pessoa. Aparentemente, Bruno discordava daquilo. Talvez a faca de pão, as colheres de chá e a haste da batedeira não tivessem passado a mensagem correta, mas a faca de carne poderia abrir a cabeça do assassino.

A prefeita Rosaline, que havia abandonado a cidade no primeiro sinal da invasão, preparava seu longo discurso sobre reconstrução, destacando o imensurável esforço e rapidez dos “homens das armas e da ciência” na derrocada alienígena. Pelo monitor do abrigo nuclear, ela viu a imensa nave varrendo o centro da cidade. Pelo caminho tombavam prédios históricos, museus e grandes centros comerciais. A nave perdia velocidade pelo atrito com as ruas. Atingiria seu último prédio em alguns minutos. Um tremor tomava conta das redondezas devido ao imenso peso do objeto voador.

O tremor desequilibrou Bruno e o maníaco. A faca de carne caiu e o assassino voou sobre ela, mas ao se virar notou que o jovem adversário havia optado por uma nova arma: uma TV de 29 polegadas. Não conseguira identificar se era de LED ou LCD. Conformado, o maníaco fechou os olhos e aguardou pelo chamado, que poderia vir através daquela morte certa, uma abdução



desse mundo falho e irregular. Antes daquilo ele sempre pensava que poderia ser por seres alienígenas. E bem que poderia ter sido, caso os visitantes espaciais não tivessem sido derrotados, e a grande nave destruída não se dirigisse agora para o prédio onde o assassino estava. Foram apenas 15 segundos até que o edifício caísse por completo. Antes de apagar, o maníaco ainda pôde ver uma imensa viga esmagar a cabeça de Bruno.

Silêncio. Gritaria. Muita gritaria. Algum choro. O maníaco do centro abriu os olhos e viu aquele homem. Era um bombeiro que dizia que ele estava ali havia pelo menos dois dias. Dizia que ele tinha sorte e que era um novo homem. Falava ainda que pessoas torciam por ele pela televisão e que aquilo poderia ser um recomeço. Herbert pensou que isso, sim, poderia ser um bom recomeço.



# Diálogo com um Dragão

MIGUEL CARQUEIJA



# DIÁLOGO COM UM DRAGÃO

*Miguel Carqueija*

A subida era íngreme e exaustiva. Sabíamos que aquela meseta servia de reduto para Ajax, que se abrigava nas cavernas naturais ali existentes. Eu praguejava com o cansaço e os joelhos esfolados pelas pedras, e intimamente me maldizia por ser o líder da expedição. Afinal de contas, faziam parte do grupo uma elfa cheia de truques, um anão maciço e forte, um duende agilíssimo e um orc corpulento e enfezado. Por que eu, um reles humano, tinha que assumir a responsabilidade da liderança? Só porque eu era um famoso cavaleiro andante?

Mas o cabeça-de-arroz do rei fizera questão de designar um humano como líder da missão e seu porta-voz oficial. De bom grado eu abriria mão do privilégio. Se o dragão resolvesse nos atacar, o líder seria o primeiro a morrer. E nem pudéramos trazer os nossos cavalos, por causa daquela subida angulosa.

Eu portava uma bandeira branca. Na minha imaginação eu já a via em chamas, inflamada pelo primeiro bafo da besta. Começava a me arrepender de todo o empenho que eu fizera, ao longo de vinte anos, para manter acesa a minha fama de herói durão. Aquela fama era a responsável pela encrenca em que eu estava metido.

Ao galgarmos as últimas ingremidades, vendo-nos afinal no pátio do dragão, lembrei-me de avisar a Milne:

— Por favor, mantenha o feitiço da água engatilhado; poderemos precisar dele a qualquer momento.

— Não imagina que eu vou abrir a guarda — respondeu ela secamente, coçando uma de suas grandes orelhas.



Olhei para a frente. Da caverna principal lá vinha o mastodonte, fitando-nos com seu ar de ferocidade. Na minha imaginação — e por que é que eu tenho imaginação assim tão fértil? — o solo estremecia a cada passada gigantesca. Só que isso na verdade não estava acontecendo, e nem o Ajax era tão grande assim.

— Tenham calma — disse Brutus, o orc, empunhando a sua clava cheia de pontas metálicas. — Afinal de contas, ele não passa de um dragão.

Avancei, liderando o grupo, e agitei a bandeira, suando frio.

— O que vocês querem? — fez-se ouvir a voz cavernosa do réptil.

— Queremos falar com você! — exclamei, esforçando-me por me fazer ouvir sem ter que chegar muito perto.

— Isso eu já sei, imbecil. O que é que vocês querem falar?

Engasguei-me. Começávamos mal. Não queria dar parte de burro perante aquele lagarto vitaminado.

— Vi-viemos da parte de Sua Majestade Estroncius III, Rei e Soberano de Maltose, pa-para negociar diplomaticamente a presença e atuação de Vossa Senhoria ne-neste planalto e nos vales adjacentes.

— E o que é que tem?

O cheiro de enxofre era nauseante, Ajax era mal-encarado como uma gárgula, mas eu tinha que fazer das tripas coração e prosseguir. De preferência, sem gaguejar.

— Vossa Senhoria, Senhor Dragão Ajax, vem causando grave prejuízo e inquietação às populações humanas locais. Seja cozinhando e levando a colheita de batatas, seja apossando-se dos nabos, das melancias, das abóboras e até das cebolas...

— Preciso de tudo isso. Não espera que eu morra de fome, é claro. Além disso, como já notaram eu sou um dragão vegetariano. Vocês ainda têm sorte que eu não preciso dos seus rebanhos.

— Um momento! — gritou Snif, o anão, sujeito especialmente cabeça dura e que, de resto, deveria ter-se mantido calado. — O senhor não plantou as frutas e hortaliças. É trabalho de outros, que o senhor está frustrando e arruinando...

— Ora, não me amole, anão ridículo! O que você sabe da história dessas terras? Há séculos e séculos, nós, os dragões, fomos os donos incontestes da península de Orgad e de muitas outras terras deste continente. Foram os humanos, com sua civilização predatória, que aos poucos foram nos empurrando de nossos redutos ancestrais até ao ponto de quase não nos restar mais espaço. E, por falta de caça, que vocês dizimaram, muitos de nós se tornaram vegetarianos, como é o meu caso. E a sua raça abjeta, seu anão imundo, colaborou amplamente com a expansão dos humanos, a destruição das florestas...

— Não admito que fale mal da minha raça! — berrou Snif, mas o duende Derby deu-lhe uma cacetada na cabeça.

— Pare com isso, idiota! Deixe o Cid falar!

Tornei a engolir em seco. Esquecera até de me apresentar ao dragão, lapso indesculpável numa missão diplomática. Tentei consertar a coisa:

— Senhor Ajax, permita que me apresente. Sou o Cavaleiro Cid Pompéia, herói e paladino das estradas, a serviço de Sua Majestade...

— Está bem! — berrou o réptil. — O que vocês querem que eu faça?

— Nosso rei ordena que o senhor abandone imediatamente estas paragens e se dirija sem demora para a Reserva de Dragões, na Ilha Longínqua...

— Reserva? — berrou ele, deixando escapar uma baforada de chamas. — Eu não sou um dragão de reserva! Não vou compactuar com essa tramóia nojenta!

— Acho que o senhor não tem escolha. O Rei já decidiu que o senhor está banido destas terras. Veja, aqui está o decreto de



banimento, com o selo real, incluindo a ordem para que o senhor se mude...

Acostumado a ver como os mortais comuns tremiam à simples menção dos soberanos, deixei-me levar por um arrebatamento de coragem e me aproximei da fera, exibindo o diploma real.

Ajax mandou uma baforada bem dirigida e o decreto virou cinzas na minha mão felizmente enluvada com asbesto.

— Ainda bem que era uma xérox — foi tudo o que consegui dizer.

— Já acabou, cavalheiro Cid? Já está quase na hora do meu almoço, portanto é hora de caírem fora. E digam ao rei que daqui eu não saio!

O orc e o anão avançaram e eu fui subitamente empurrado. Derby ajudou-me a levantar e declarou desolado:

— Acho que esses dois não deviam ter vindo. Acabamos de perder o controle!

Brandindo as suas armas — a clava espinhuda de orc e o machado de dois gumes de anão — Brutus e Snif avançaram contra o lagarto. Este encheu bem o pulmão e soltou a maior labareda que eu já vi na minha vida, e, com ela, um vento arrebatador. Fomos lançados, o grupo todo, para fora do platô, e fizemos de-sastradamente todo o caminho de volta.

Já no chão, vendo estrelas, olhei em volta procurando alguém para culpar pelo nosso fracasso, e escolhi a elfa:

— Milne! Você não ficou encarregada de nos proteger com a sua magia? Como explica o que aconteceu?

— O que está querendo dizer, seu idiota? Eu fiz a minha parte! Não vê como estamos todos encharcados? Sem a minha magia da água, nós cinco teríamos virado churrasco! E sem a minha magia do vento, que acolchoou a queda, teríamos nos arrebatado!



— Ah, bom! — foi tudo o que consegui dizer.

Snif e Brutus levantaram-se penosamente, entre pragas:

— Se eu tivesse chegado um pouco mais perto, rebentava-lhe a cabeça! — lastimou-se Brutus.

— E eu, por poucos metros não lhe decepo o pescoço! — queixou-se por sua vez Snif.

Derby ajudou-me novamente a levantar e eu me lamentei:

— O que iremos dizer ao Rei Estroncius? Ele provavelmente nos mandará voltar, para tentar de novo! Afinal, nós somos os heróis do reino!

— Nada disso, Cid — opôs o duende. — Se agirmos com esperteza, liquidaremos facilmente o assunto e não teremos que retornar.

— Como assim? — quis saber a elfa. — Também não quero voltar!

— É simples, Milne. Pelas regras da Cavalaria Nobre, que o Mestre Cid aqui conhece bem, o dragão ganhou o direito de permanecer morando em seu reduto atual. Ele lutou e venceu lealmente. Assim, ele tem todo o direito de permanecer na Meseta Escaldante. Se Estroncius III for esperto, até nomeará Ajax como Guardião Real da Meseta ou coisa parecida. E, afinal, ele se portou como um cavaleiro, pois não desceu para acabar de nos matar, limitou-se a defender o seu território.

— Você acha mesmo, Derby, que o soberano vai aceitar tão facilmente a derrota, apenas com base na tradição da cavalaria?

— Encare a coisa por outro ângulo. Dragões são metidos a eremitas e passam décadas ou séculos sem se visitarem, mas se resolverem podem se reunir contra um inimigo comum. Se o rei ficar pressionando muito o Ajax pode chamar os outros dragões para ajudá-lo e, pense bem, acha que o nosso exército vai poder enfrentar uma revoada fumegante? Eles podem queimar todas as nossas cidades! E se Estroncius ainda teimar, o Conselho o cha-

mará à razão!

— Concordo com Derby — disse a Milne. — Vamos deixar esse monstro em paz que é melhor!

— Mas e as batatas? E os repolhos? E os nabos? E as alcachofras? — protestou Snif.

— Sim — ajuntou Brutus. — E as abóboras? E as couves-flores? E as cenouras? E os tomates? E todo o prejuízo às colheitas...

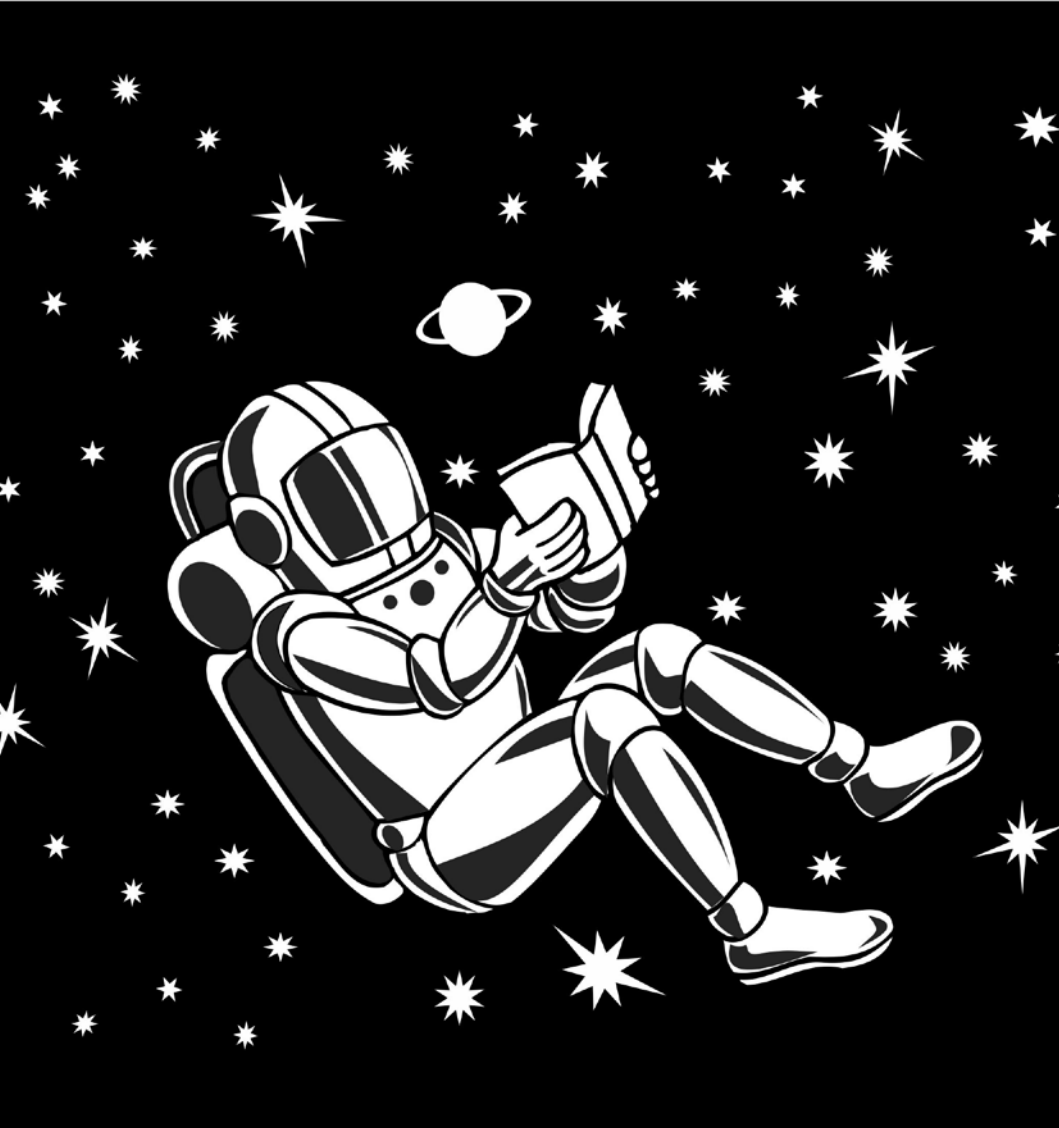
— Basta, seus broncos — replicou o duende que, obviamente, era o mais inteligente do grupo. — O Rei dará um auxílio-dragão aos lavradores, e fica tudo resolvido.

Pegamos os nossos cavalos e fomos embora. Quando começamos a nos afastar, olhei para trás e para cima, e os demais fizeram o mesmo.

— Vejam — murmurou a elfa.

E vimos. Ajax, do alto da meseta, botou-nos a língua: uma língua vermelha, bifurcada, longa e zombeteira.





and the

**ARGOS**

goes to...

and the **ARGOS** goes to...

*por jornalismo CLFC*



O retorno do Prêmio Argos de Literatura Fantástica foi considerado um dos pontos altos do VI Fantasticon – Simpósio de Literatura Fantástica. A cerimônia aconteceu no domingo, dia 23, às 13h, no auditório da Biblioteca Viriato Corrêa, no bairro da Vila Mariana em São Paulo, SP. O prêmio Argos 2012 é feito por votação direta dos sócios do Clube dos Leitores de Ficção Científica do Brasil e visa eleger os melhores romances e contos do gênero fantástico (ficção científica, fantasia e terror) publicados em língua portuguesa no ano de 2011.

O escritor Gerson Lodi-Ribeiro foi o vencedor da principal categoria, Melhor Romance, com o livro *A Guardiã da Memória*. Gerson também recebeu um prêmio especial pelo conjunto da obra e pelas contribuições à ficção científica nacional, dentre as quais, a própria criação do Argos no final do século passado.



Os outros indicados na categoria Romance, ou História Longa, foram: Eduardo Spohr com Filhos do Éden – Herdeiros de Atlântida; Flávio Carneiro com A Ilha; Luiz Bras com Sonho, Sombras e Super-heróis e Simone Saueressig com B9.

O médico mineiro, Flávio Medeiros Jr, levou o prêmio de melhor história curta com o conto O Pendão da Esperança, publicado na coletânea Space Opera (Draco, 2011). Os outros concorrentes eram: Alliah com Morgana Memphis Contra a Irmandade Gravibranâmica; Cirilo S. Lemos com O Auto do Extermínio; Clinton Davisson Fialho com A Esfera Dourada e Marcelo Jacinto Ribeiro com Seu Momento de Glória. Os livros premiados foram publicados pela editora Draco.

A festa foi feita com muito humor e suspense com clara alusão ao prêmio Oscar norte-americano, com direito a um pequeno teatro de cosplayers que terminou com a entrada triunfal do presidente do CLFC, Clinton Davisson, que foi o apresentador da cerimônia. De acordo com a tradutora Mary Farrah, que coordenou a apresentação teatral, o grupo de atores é composto por membros de diversos fã-clubes de Star Wars. “Combinamos com a diretoria do CLFC que essa apresentação se daria gratuitamente, em troca apenas de uma doação do Clube para a instituição Casa da Sopa de Nova Iguaçu. Graças aos sócios, algumas crianças carentes terão um cardápio mais diversificado durante, pelo menos, mais três meses”, falou.

O grande vencedor da noite, Gerson Lodi-Ribeiro, elogiou a festa e se disse emocionado tanto com as premiações que recebeu, quanto com as ações de caráter social que o CLFC vem adotando na nova gestão. “Ficção científica engajada, que serve não apenas para inspirar o futuro com que muitos de nós sonhamos, mas para cuidar e ajudar a consertar o presente. De arrepiar os pelos!”, afirmou.

O prêmio chegou a ser considerado o mais importante do gênero na virada do século quando teve quatro edições: 1999, 2000, 2001 e 2003. Segundo o presidente do Clube dos Leitores de Ficção Científica do Brasil – CLFC, Clinton Davisson, o retor-

no do Argos faz parte de um plano de metas que visa a retomada definitiva do Clube fundado em 1985 e que chegou a ser reconhecido pela Science Fiction and Fantasy Writers of America – SFWA como entidade representativa no Brasil. “Com o advento da internet, muitas das funções do CLFC foram perdendo a razão de ser. Quando assumi, em outubro do ano passado, a proposta era repensar a utilidade do Clube. Partimos primeiro para retomar tudo o que ele fazia antes, só que adaptado à nova realidade do século XXI; como o Somnium, o antigo fanzine em papel, que foi adaptado ao formato pdf para ser distribuído on-line; a criação da Biblioteca Nacional de Ficção Científica que estava prevista no estatuto; a volta do site oficial e, agora, o retorno do Prêmio Argos de Literatura Fantástica. Além disso, estamos criando coisas novas, como parceria com editoras para conseguir descontos para os sócios, sorteio de ingressos de cinema e, principalmente, ações sociais voltadas ao incentivo à leitura para crianças, cursos para jovens escritores e a formação de novos leitores”, explica Clinton.



# ENTREVISTA



**FLÁVIO MEDEIROS JR. E GERSON LODI-RIBEIRO**



Alguns dias após a entrega do prêmio Argos 2012, o *Somnium* entrou em contato com os vencedores. Gentilmente, eles aceitaram responder a algumas perguntas para que os leitores possam saber um pouco mais sobre seus trabalhos.

### **MELHOR HISTÓRIA CURTA: FLAVIO MEDEIROS JR.**

**Somnium:** Fale um pouco sobre o seu conto vencedor do Argos. O que te inspirou a escrevê-lo?

**FM:** A história da noveleta *Pendão da Esperança* é um exemplo de como nossa musa inspiradora pode ser geniosa e imprevisível. Faz algum tempo, a revista *Scarium* fez uma chamada aberta para contos de FC de temática brasileira. Tentei criar algo, mas só me ocorriam clichés ou obviedades. Acabei desistindo do projeto. Quando saiu a revista, dei uma olhada na capa, uma inspiradíssima criação de João Marcelo Beraldo que mostrava um astronauta clássico na superfície da Lua, com uma bandeira do Brasil e uma espaçonave ao fundo. Nessa hora a musa “acordou”, e surgiu a ideia básica da noveleta, que tem a ver com o simbolismo por trás da nossa bandeira nacional.

Algo importante a se dizer sobre essa história é a óbvia referência que faz à chamada “Síndrome do Capitão Barbosa”, geralmente descrita por Braulio Tavares há muitos anos. Quando comecei a escrever, ainda adolescente, eu também sofria dessa síndrome. Achava estranhíssimo (e evitava a todo custo) colocar nomes brasileiros em meus personagens das histórias de FC. Entretanto, como ocorre com toda doença, o tempo acaba gerando a imunidade em uma parcela menor ou maior da população, dependendo de cada caso. Penso que os escritores de FCB estão evoluindo, os leitores também, de forma que, tantos anos após o Dr. Braulio haver descrito a patologia, hoje já podemos falar que existem, sim, histórias de FC com personagens bem brasucas sem parecerem ridículas ou estranhas. Com meu Capitão Barbosa, em *Pendão da Esperança*, procurei demonstrar isso. Várias manifestações de leitores, e o próprio Argos, me mostram que eu estava



certo.

**Somnium:** Você recebeu dois prêmios importantes em 2012. Esse tipo de reconhecimento faz diferença na vida de um escritor?(*Além do Argos 2012, Flávio Medeiros foi um dos três indicados no concurso Hydra, organizado por Christopher Kastensmidt em parceria com a revista online IGMS, editada por Orson Scott Card.*)

**FM:** Penso que os prêmios não podem ser objetivos, pelo menos não os principais. São, antes de tudo, consequências de um trabalho bem feito, e nesse sentido são muito desejáveis. No caso do Hydra, o regulamento previa a publicação do conto vencedor na *Orson Scott Card's Intergalactic Medicine Show*. O vencedor foi o conto do Brontops, e o meu ficou em segundo. Apesar disso, ainda que não tivessem a obrigação, as pessoas por trás da revista decidiram publicar o meu conto também. Interpreto isso como um reconhecimento da qualidade do texto. No caso do Argos, trata-se de um prêmio de votação espontânea. Não há textos inscritos, há textos credenciados a partir de critérios preestabelecidos. Vota quem quer, no texto que quiser (desde que preencha tais critérios). Assim sendo, não fiz, como não vejo sentido em fazer, nenhuma campanha pelo *Pendão da Esperança*. Quem votou nele foi quem leu e gostou, e esses foram em número suficiente para que eu ficasse em primeiro lugar. Também fiquei feliz, quando li a lista dos votos discriminados para o Argos, ao ver que minha noveleta *O Grande Rio*, que saiu na antologia *Assembleia Estelar* (2011, Devir Livraria), teve dois votos para melhor texto curto. Se você perceber a similaridade entre as duas situações, vai compreender o grande valor que esses prêmios têm para mim: são atestados de qualidade dados aos meus textos por pessoas que têm familiaridade com o assunto. Essa é toda a resposta que eu preciso no sentido de estar no caminho correto dentro da diretiva que sempre me guiou como escritor: escrever textos que eu gostaria de ler, para serem lidos por pessoas que gostam das mesmas coisas que eu. Não tenho a tola pretensão de agradar a todo mundo o tempo todo, mas se ainda não sei fazer chover, esses prêmios me mostram que já estou fazendo trovejar, o que é muito bom.

**Somnium:** Que tipo de experiências você tem tido com a SFWA? A troca de informações é válida?

**FM:** Quanto à SFWA, fui recebido no fórum da mesma forma que ocorre no fórum do CLFC: muita gente leu minha apresentação, alguns poucos se manifestaram me dando as boas vindas de forma muito amistosa. Nesse sentido a lista deles, pelo menos foi minha primeira impressão, é como a nossa: tem muita gente boa, simpática e bem intencionada; tem os caras mais interessados em aparecer, sem a noção de que podem estar fazendo papel ridículo; tem os acadêmicos natos; e tem os que são mais leitores do que qualquer outra coisa. Em termo de críticas, observo uma sutil (mas vital) diferença em relação a nós, brasucas. Ambos, nós e eles, valorizamos basicamente duas coisas nos textos: uma história boa e uma história bem escrita. A diferença está em que aqui, no Brasil, uma história muito boa ofusca um ou outro deslize técnico do autor, que ainda que seja censurado pelos mais rigorosos, é relativamente bem perdoado. Lá é o contrário. Os textos são comentados por uma boa parte dos críticos como se fossem provas de português (ou, no caso, de inglês). Lendo algumas críticas, você fica se perguntando se os caras prestaram alguma atenção no enredo, na trama, e não apenas na forma. Talvez isso seja reflexo da abundância de cursos para escritores que há por lá. Confesso que prefiro nosso *brazilianway*; me parece que abre uma maior possibilidade para que surjam coisas realmente novas, originais, em termos de texto. Mas não fecho os olhos ao que dizem eles por lá. Tem servido para que eu tente melhorar minhas próprias limitações estilísticas e técnicas de forma geral. Talvez o ideal seja que tenhamos, como escritores, o melhor dos dois mundos.

### **MELHOR ROMANCE: GERSON LODI-RIBEIRO**

**Somnium:** Fale um pouco sobre *A Guardiã da Memória*. Alguma coisa em particular te inspirou a escrever esse romance?

**LR:** Muitos enredos originais de ficção especulativa nascem



de indagações aparentemente simplórias e irresponsáveis.

No caso de meu romance de ficção científica erótica, *A Guardiã da Memória* (Draco, 2011), a pergunta especulativa

simplória foi: “Se as borboletas possuíssem inteligência equivalente à humana, será que se lembrariam de suas experiências

de vida do tempo em que eram lagartas?

Para mais detalhes sobre a gênese de *A Guardiã da Memória*, talvez valha a pena uma clicada em meu ensaio:

<http://blog.editoradraco.com/2012/07/se-a-borboleta-lembrasse-sua-vida-de-lagarta/>

**Somnium:** A respeito do Argos em si, qual a sensação de receber dois prêmios, sendo que um valoriza todo o conjunto da sua obra?

**LR:** A cerimônia do Argos 2012 foi um grande momento da minha vida. Eu já esperava ser agraciado com o Argos Especial, uma premiação até então entregue somente uma vez antes na história do Argos, a Gumercindo Rocha Dórea, uma unanimidade absoluta e, provavelmente, o sujeito que mais arduamente trabalhou em prol do fomento e da divulgação da ficção científica brasileira. Asseverei diversas vezes ao longo do segundo fim de semana da Fantasticon 2012 que, embora estivesse recebendo essa homenagem pelo conjunto da obra, não considerava minha obra completa, em absoluto.

O Argos Especial me foi entregue por minha grande amiga e afilhada literária, Ana Cristina Rodrigues. Em seu discurso, Ana me elogiou tanto que cheguei a temer por minha reputação de dinossauro malvado implacável da FC brasileira. Felizmente, ela se conteve antes de chegar às lágrimas. Porque, se o pior acontecesse, por questão de cavalheirismo e solidariedade, eu me veria forçado a acompanhá-la. Embora tivesse ensaiado uma ou duas frases espirituosas, quando subi ao palco para receber o prêmio das mãos da Ana, elas desapareceram da minha mente. Na cabe-

ça, apenas a surpresa com o peso do troféu. Não me lembro direito do que falei para a plateia, exceto pelo sentido geral, que deve ter sido, se é que não sonhei a respeito, algo girando em torno da importância da narrativa e da irrelevância do autor. Felizmente, a emoção e o Alzheimer não me fizeram esquecer de quem de fato merece: meus pais, minha mulher e o Presidente Clinton Davisson, por haver ressuscitado o Prêmio Argos.

Quando Flávio Medeiros desceu do palco, após abiscoitar o Argos 2012 na categoria ficção curta, com a noveleta *Pendão da Esperança*, Clinton convidou o autor e antologista Hugo Vera para entregar o Argos 2012 na categoria “Melhor Romance”. Após certo suspense, Hugo abriu seu envelope divulgando meu nome.

Sacudido, retornei ao palco para receber meu segundo Argos da tarde. Azarão num certame em que competi com finalistas que, ou vendem muito mais livros do que eu, ou possuem um domínio da linguagem bem superior ao meu, confesso que não preparei o discurso de agradecimento que a ocasião exigia. A solução foi, seguindo o exemplo brilhante do amigo Flávio Medeiros, falar um pouco da gênese do romance *A Guardiã da Memória*. Tarefa relativamente simples, visto que havia preparado poucas semanas atrás um ensaio metaliterário, *Se a Borboleta Lembrasse sua Vida de Lagarta...*, sobre esse assunto para minha coluna no blog da Draco (vide link acima).

Parar fechar com chave-de-ouro um dos momentos mais felizes da minha vida, uma nova emoção, quando Mary Farrah, a cosplayer que interpretou a oficial do Império, confessou ser minha fã desde os tempos áureos do Projeto Intempol.

Receber dois Argos 2012 numa só tarde constituiu uma experiência especial. O melhor da festa talvez tenha sido a “acusação” de Bráulio Tavares ao me ver sair do auditório com dois troféus nas mãos: “Caramba, Gerson, tremendo papa-Oscar, hein?”

# BIOGRAFIAS

## **ANA LÚCIA MEREGE**

É carioca, aquariana e trabalha na Biblioteca Nacional . Adora escrever, viajar, ler sobre Mitologia, Pré-História e Idade Média. Dos muitos rabiscos já produzidos, publicou O Castelo das Águias (Draco, 2011), Os Contos de Fadas (Claridade, 2010), O Caçador (Franco, 2009), O Jogo do Equilíbrio (Fábrica do Livro, 2005), além de contos e artigos. Blog: <http://www.estantemagica.blogspot.com>

## **RICARDO GUILHERME DOS SANTOS**

É funcionário público e, nas horas vagas, tenta se aperfeiçoar na arte de escrever. Fã de poemas, ficção científica e fantasia, lançou duas autopublicações pela Giz Editorial: a trilogia O Espaço Inexplorado (2010) e a coletânea Fragmentos (2012).

## **ZÉ WELLINGTON**

É administrador por formação, mas escritor por paixão. Como músico, teve dois trabalhos lançados e diversas participações em festivais musicais no nordeste com a banda Sobre o Fim. Como quadrinista, foi o criador e roteirista do projeto Interlúdio, indicado ao Troféu HQMIX 2010 (prêmio mais importante de HQs no Brasil), além de ter editado diversas revistas independentes e participado de várias coletâneas literárias dedicadas ao gênero fantástico. Nasceu e, até hoje, mora em Sobral, no interior do Ceará, com sua esposa e cinco gatos.

## **MIGUEL CARQUEIJA**

É um veterano autor carioca de ficção científica e que com o tempo foi trabalhando também com outros gêneros, como o terror e a alta fantasia. Publicou 15 livros individuais, entre eles A Esfinge Negra (Edições Hiperespaço, 2003), O fantasma do apito (Edições Scarum, 2007, segunda edição em 2010), Farei meu destino (Giz Editorial, 2008, edição de papel e virtual), Tempo das caçadoras (Scarium, 2009) e o mais recente Os mistérios do Mundo Negro (Scarium, 2011, coautor Gabriel Coelho). Pela internet publicou As portas do magma (Scarium, 2008, coautor Jorge Luiz Calife) e O fator caos (Portal Cranik, 2010). Seu conto O tesouro de Dona Mirtes foi filmado em curta-metragem em 2004 e está disponível no youtube. Seu novo romance, O Estigma do Feiticeiro Negro, escrito em parceria com Melanie Evarino, será lançado ainda em 2012 pela Editora Ornitórrinco.





# SOMNIUM

